



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

GREGÓRIO CORREIA BARBOSA

QUINTA DO DOCE:
UMA ETNOGRAFIA DA EXPERIÊNCIA LISÉRGICA

Salvador
2022

GREGÓRIO CORREIA BARBOSA

**QUINTA DO DOCE:
UMA ETNOGRAFIA DA EXPERIÊNCIA LISÉRGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Sociologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Iara Maria de Almeida Souza

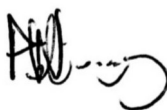
Salvador
2022

GREGÓRIO CORREIA BARBOSA

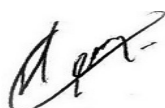
“QUINTA DO DOCE: UMA ETNOGRAFIA DA EXPERIÊNCIA LISÉRGICA”. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de **Bacharel em Ciências Sociais**, defendido e aprovado em 16 de dezembro de 2022, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Iara Maria de Almeida Souza

PROF^a. IARA MARIA DE ALMEIDA SOUZA
(Orientadora)



PROF. FELIPE VARGAS
(UFBA)



PROF. LUCAS AMARAL DE OLIVEIRA
(UFBA)

BARBOSA, Gregório Correia. Quinta do doce: uma etnografia da experiência lisérgica. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Orientadora: Iara Maria de Almeida Souza.

RESUMO

Este estudo de caso toma por objeto a Quinta do Doce, evento organizado por jovens universitários soteropolitanos de classe média. O referido evento tinha por finalidade proporcionar um ambiente seguro e confortável para experiências com LSD. A pesquisa buscou desenvolver o instrumental analítico para além do paradigma representacional comumente utilizado no estudo de substâncias psicoativas. Nessa direção, partiu-se dos estudos de Howard S. Becker, bem como da sociologia de Alfred Schutz, dos escritos de David Lapoujade sobre a filosofia de Étienne Souriau e do esquema estrutural elaborado por Carlos Castañeda em “A Erva do Diabo”. Valendo-se fundamentalmente de uma abordagem exploratória, a pesquisa investigou as estruturas subjetivas da experiência lisérgica, verificando em que termos essas estruturas se instauram na experiência dos usuários e de que modo se legitimam no quadro geral de suas vidas. Por fim, construiu-se uma estrutura geral preliminar do regulamento lisérgico que pode ser considerada como depositária dos termos fundamentais por meio dos quais o modus operandi do ácido lisérgico instaura um regime de experiência específico.

Palavras chave: LSD; experiência; etnografia.

Sumário

Introdução	5
1. O regulamento lisérgico no mundo da vida: uma experiência de aprendizado	10
1.1. Tornando-se um usuário de LSD	10
1.2. O paradigma da experiência no mundo da vida	16
1.3. Os ensinamentos de Dom Juan	21
1.4. A instauração do regulamento lisérgico	27
2. Quinta do Doce: o LSD como pretexto e contexto	30
3. As estruturas da experiência lisérgica	37
3.1. Abertura para si e expansão do eu	37
3.2. Desconexão, “reparametrização” e ressignificação	54
3.3. Imersão do inconsciente	51
3.4. Estado de elevação	56
Conclusão	62
Referências	66

Introdução

Bastam alguns minutos para que o estado de consciência da vida cotidiana aos poucos imerja em um novo paradigma de realidade. Um mundo espaço-temporal se mostra, e ele parece funcionar de maneira estranha, à medida que a própria percepção assume novos modos. Veem-se as coisas do mundo tecidas em novas cores, texturas e profundidades; os limites do ego dispersam-se a tal ponto que somente a sensação de unicidade nos permitiria falar sobre o que está acontecendo. Algumas palavras do então jornalista Marcelo Leite ilustram muito bem essas sensações incomuns; quando experimentou ácido lisérgico para escrever sobre a substância em seu livro, *Psiconautas*¹, ele contou que:

A percepção do tempo estava muito alterada, produto de descontinuidades no processamento neural: perde-se a capacidade de acompanhar a lenta transformação da cena visual e, ao monitorar posições de objetos, a pessoa se dá conta de que eles saem de um ponto e logo estão em outro, como se tivesse perdido a informação sobre o trajeto e ficado só com o ponto de partida e de chegada. [...] Era como se a mente fosse um mosaico de processos neurais desarticulados entre si. A lógica das associações estava afrouxada, mas não o suficiente para afetar a compreensão do diálogo. A parte motora, necessária para a expressão verbal, estava quase letárgica. Pensamentos a mil, meio desconectados do diálogo, mas com emissão de palavras congruentes apesar da enorme preguiça de falar. Mesmo ocupada com o diálogo, a audição estava turbinada, assim como a visão e o tato (continuava remexendo prazerosamente a areia com as pontas dos dedos). [...] Mal sabiam eles: eu entendia tudo e não entendia nada, como se a floresta densa e quieta de meus neurônios tivesse sido invadida de repente por uma horda de insetos, pássaros e morcegos polinizadores, dando origem a um surto de fertilização, uma algazarra dionisíaca em que dançavam juntos clareza conceitual e sensações não lapidadas².

Sob efeito do LSD, o pensamento torna-se veloz, confuso e fugaz. As ideias se embaralham, se perdem e se reorganizam em sua própria vastidão. Talvez seja isso que leva Caio, um de nossos interlocutores, a comparar o estado de consciência lisérgico à sobriedade nos seguintes termos:

Se eu for comparar com a sobriedade que seria constante no dia a dia das pessoas, eu diria que você consegue fazer associações e pensar as coisas muito mais rápido, além dessa coisa sensorial também. Eu diria que o nível de associações que você passa a fazer é muito veloz. E inclusive – isso é até uma coisa meio doida –, ao mesmo tempo que ele é veloz ele muito fugaz também, você pensa em muitas coisas e ao mesmo tempo você esquece elas muito rápido. Mas no caso, o que diferencia talvez seja essa vastidão. É como se a gente observasse as mesmas coisas só que com algum tipo de luneta ou microscópio, não sei.

Os pensamentos seguem novos caminhos associativos que deságuam naquilo que ou interlocutor, Tiago, enxerga como uma dimensão divina:

¹ LEITE, Marcelo. *Psiconautas: viagens com a ciência psicodélica brasileira*. São Paulo: Fósforo, 2021.

² Ibid. p. 112-114.

Quando eu uso, eu acredito que gero um diálogo muito intenso e imersivo com esse divino, esse mais puro eu, sabe? Eu consigo conversar com ele e refletir sobre o que tem acontecido na minha vida, sobre como eu encaro essas coisas que acontecem na minha vida.

Uma outra interlocutora acrescenta, ainda:

As coisas perdem um pouco do seu sentido habitual e isso te desloca realmente pra uma experiência sensorial de consciência expandida. Que eu acho que é como se uma parte da consciência ficasse negligenciada, de certa forma, por um curto período, pra te dar também uma visão de outras coisas que você não notaria, talvez, no dia a dia normal, na rotina.

Desde a década de 1950, o LSD tem se mostrado uma substância capaz de provocar profundas modificações na percepção de quem a ingere. O que a historiografia mostra é que ele foi desenvolvido para servir como um medicamento auxiliar em tratamentos psicoterapêuticos. Contudo, esse mesmo potencial levou algumas pessoas a buscarem o ácido fora dos espaços clínicos como uma ferramenta de “aprimoramento” espiritual ou recreação. Essas pessoas submetiam-se aos seus efeitos esperando extrair algo de significativo de suas experiências. Havia algo na experiência lisérgica que atraía essas pessoas; não só hippies e universitários, mas parte da comunidade científica.

Somando-se a isso que, no contexto da contracultura, onde foi consagrado como símbolo de libertação da consciência, o ácido passou a ser proibido em diversos países. Como consequência, as pesquisas e experimentações em curso foram interrompidas e o LSD passou a figurar como um grande inimigo da estabilidade social:

Definitivamente, o ácido lisérgico não é o anjo da morte por alucinação pintado pela reação proibicionista. Ele representou uma ameaça para o establishment político e para a vida burguesa por sua capacidade de despertar nas pessoas sentimentos de bem-estar, paz e amor, e de conduzi-las à praia ensolarada dos efeitos terapêuticos em que nadam de braçada cientistas dispostos a arriscar-se e retomar uma tradição de pesquisa fértil precocemente abortada pelo obscurantismo³.

Nas próximas páginas, pretendo apresentar brevemente o tom de alguns estudos sobre o LSD, primeiro por fora do Brasil, de modo que possamos conhecer um pouco da história do ácido lisérgico e formar alguma ideia sobre o que alguns intelectuais pensavam sobre o assunto, começando por aquele que sintetizou a substância em laboratório. Em seguida, passarei para os trabalhos brasileiros que consegui encontrar, para então prosseguir com a proposta desta pesquisa. Contudo, gostaria de salientar que não pretendo aqui realizar uma extensiva revisão bibliográfica em busca de tudo o que foi produzido sobre LSD. Mantive meu foco em buscar estudos na área das ciências humanas e sociais, principalmente, como estratégia para afunilar o escopo de uma pesquisa que poderia facilmente se perder em seu objeto de estudo. Sobre isso, infelizmente, a obra de

³ Ibid. p. 123.

Marcelo Leite supra citada apenas veio a ser publicada um ano depois de finalizado o meu levantamento, e não foi utilizada em todo seu potencial de compilação dos estudos nacionais sobre o tema. Assim posto, creio atender mais adequadamente os limites de minha investigação com o levantamento realizado, especialmente quando meu objetivo é investigar a experiência subjetiva dos usuários.

Nosso objeto de estudo são as experiências de usuários de LSD que frequentaram a Quinta do Doce. Esses interlocutores são jovens universitários, com idade entre 17 e 24 anos, da classe média soteropolitana. A Quinta do Doce, apesar de dar título à nossa pesquisa, figura essencialmente como origem comum das pessoas que participaram da pesquisa, e nos servirá principalmente, enquanto objeto secundário, para contextualizar o ambiente no qual essas experiências com LSD tomaram parte. O evento também será objeto de análise, contudo, dentro dos limites supracitados.

As ciências sociais produzem muito conteúdo em matéria de práticas de uso de substâncias psicoativas. A maconha e a ayahuasca figuram como as principais substâncias de interesse, tanto por sua história social, quanto pela sua parcela de participação na vida da sociedade brasileira. Algumas substâncias menos comuns em meios urbanos têm ganhado notoriedade nos últimos anos pela sua aparição em meios não “tradicionais”, como é o caso do kambo. Outras substâncias que se enquadram em práticas de uso abusivas ou problemáticas – especialmente em contextos marginalizados –, como o álcool, o crack, são abordadas pelo prisma da redução de riscos e danos. E os demais estudos se dedicam a compreender a ritualística de algumas práticas tradicionais, comumente em contexto religioso, e as representações correntes em respeito a essas substâncias.

Em nenhum dos casos acima citados o LSD ganha destaque, especialmente enquanto uma prática de uso autônoma. Ao mesmo tempo, é comum que figure lado a lado com o MDMA e a psilocibina quando o assunto é tratamentos psicoterapêuticos. Mas, como prática autônoma, as experiências com LSD não tem recebido atenção. É nesse sentido que, visando contribuir com a ampliação do material disponível sobre a substância, elegemos o ácido lisérgico como objeto de estudo. Não apenas por conta disso. Vimos uma oportunidade para apresentar uma tentativa de atualizar e avançar o instrumental analítico para além dos domínios dos aportes teóricos representacionais, visto que estes dominam o campo de estudo de substâncias psicoativas. Dito isso, enxergamos um possível caminho de transpor as limitações do interacionismo simbólico representado por Howard S. Becker por meio de sua associação à sociologia de Alfred Schutz e os escritos de David Lapoujade sobre a filosofia de Étienne Souriau. Por fim, resgatando do ostracismo

o esquema estrutural de Carlos Castañeda que, parece não ser lembrado pelos pesquisadores hoje. Aqui, Castañeda provera a estrutura que conectará as ideias dos autores citados.

Com isso em mente, nossos objetivos consistem em: (1) explorar as estruturas subjetivas da experiência lisérgica; (2) verificar em que termos essas estruturas se instauram na experiência geral dos usuário; e (3) estudar de que modo as experiências lisérgicas se legitimam no quadro geral da vida de usuário da substância.

Por fim, o valor das informações sobre o consumo de psicoativos e sobre como estes mobilizam os indivíduos é de clara relevância para os interesses das ciências sociais. Para tanto, cabe-nos aqui contribuir para o debate público apresentando uma perspectiva sobre o que essas pessoas experienciam quando usam LSD.

Sinto que o desenvolvimento de um novo senso de identidade está por trás do fascínio pelo LSD, pela Marijuana e pelos psicodélicos, porque eles ajudam a deixar tombar os véus e as barreiras com as quais construímos nosso sentido de individualidade isolado e peculiar.⁴

Para realização dessa pesquisa buscamos realizar entrevistas semiestruturadas, entretanto, dando total liberdade de fala para os interlocutores, mesmo que digredissem brevemente sobre a questão colocada, justamente para que nos caminhos tomados pelos seus relatos pudessem ser captados resquício de possíveis influências das experiências com o ácido.

Um primeiro contato com o grupo e incursão em campo – participando da Quinta do Doce como observador-participante – se deu muito precocemente, uma vez que alguns dos usuários eram conhecidos deste que vos escreve. Utilizando as redes desses primeiros usuários conseguimos chegar a um número razoável e diversificado de interlocutores, homens e mulheres. É imprescindível comunicar que o trabalho de campo aconteceu em 2020, assim como todas as entrevistas. Conversamos ao todo com 10 participantes da Quinta do Doce, e suas contribuições para a pesquisa foram empregadas em diferentes seções do texto. O material coletado enfim foi analisado etnograficamente com base no repertório teórico elaborado, como apresentamos acima.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, discutimos os principais conceitos que orientaram a elaboração etnográfica, apresentamos o repertório selecionado de cada autor ao longo de uma análise que já busca incorporar o trabalho de campo em seu escopo, dando forma à abordagem teórica específica empregada em nossa exploração da experiência lisérgica. No segundo, descrevemos o evento que motivou a pesquisa, lançando um olhar nativo sobre a Quinta do

⁴ WATTS, Alan. *The joyous cosmology: adventures in the chemistry of consciousness*. Pantheon Books. 1962 apud. CASHMAN, John. op. cit. p. 106

Doce e analisando seus significados para nossos interlocutores, de modo que seus relatos se façam mais compreensíveis no capítulo seguinte. Por fim, no terceiro capítulo, encontramos o trabalho propriamente etnográfico da pesquisa. Nele nos dedicamos a analisar os relatos de nossos interlocutores à luz do debate teórico realizado no primeiro capítulo.

Capítulo 1 – O regulamento lisérgico no mundo da vida: experiência de aprendizado

Os estudos sobre práticas de uso de substâncias psicoativas até aqui revisados se detiveram em construir suas análises a partir do paradigma da representação. Mas gostaríamos, aqui, de abordar o tema a partir do paradigma da experiência. Como será demonstrado nesse capítulo, o receituário representacional não nos permite transpor devidamente a barreira que daria acesso à forma como os significados e as percepções mobilizadas nessas práticas se estruturam na experiência subjetiva. Nesse sentido, de modo a romper a barreira da representação precisamos (1) acessar a experiência – ou pelo menos as reflexões subjetivas sobre as experiências com LSD –, para então (2) explorar suas estruturas internas e seus padrões de estruturação e significação frente ao conteúdo biográfico do interlocutor, e, finalmente, (3) vislumbrar os mecanismos por meio dos quais essas experiências se tornam significativas, bem como os modos como reivindicam relevância e se instauram formalmente na vida dos usuários.

Nesse intento, nossa pesquisa está embasada substancialmente na abordagem fenomenológica de Alfred Schutz, referencial teórico que viabiliza nosso acesso às experiências de nossos interlocutores. De igual importância para essa busca por novos dados é apropriar-se das mesmas ideias defendidas por Howard S. Becker em seu trabalho com usuários de maconha: a percepção do aprendizado como imprescindível para que se inicie propriamente uma prática de uso de determinado psicoativo, assim como a atividade constante de justificar esse uso como desejado ou não. Também o conceito de instauração elaborado por David Lapoujade será de grande serventia, sobretudo para ajudar a entender o processo de legitimação da lisérgia e elaborar em que termos essas experiências lisérgicas fixam sua estrutura na vida de quem as vivencia. Por último, mas não menos importante, faremos uso sistema operacional desenvolvido por Carlos Castañeda ao analisar a estrutura das experiências de Dom Juan com mescalina e seus ensinamentos, o que nesse trabalho funcionará como modelo analítico para entender as experiências coletadas para esta monografia.

1.1. “Tornando-se um usuário de” LSD

Em *Outsiders*⁵, Becker se debruça sobre a questão de como uma pessoa tornar-se um usuário de maconha. Seu estudo começa por identificar que haveriam inconsistências nas abordagens behavioristas acerca do fenômeno das práticas de uso de drogas, à época dominantes. Essa

⁵ BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

abordagem perpetrada por psiquiatras e agentes da lei enxergavam o uso enquanto produto de um traço psicológico desviante que levaria os indivíduos a tentarem satisfazer a “necessidade de devanear e fugir de problemas psicológicos que o indivíduo não é capaz de enfrentar”⁶. Contudo, além do fato de que boa parte dos usuários em diversos estudos não apresentam os traços psicológicos que supostamente causariam esse comportamento compulsivo, o behaviorismo tem dificuldade de explicar a plasticidade das relações que os usuários mantinham com a droga. Becker considera que essas orientações não tinham condições de explicar adequadamente o uso de maconha e a “maneira como motivos desviantes realmente se desenvolvem no curso da experiência com a atividade desviante”⁷. Nesse sentido, entende que a prática de uso de maconha se configuraria em “função da concepção que o indivíduo tem dela e dos usos a que ela se presta, e essa concepção se desenvolve à medida que aumenta a experiência do indivíduo com a droga”⁸.

Sua pesquisa então procura compreender “a sequência de mudanças na atitude e na experiência que leva ao uso de maconha por prazer”⁹. Analisando o comportamento casual a partir do qual os indivíduos se relacionam com a maconha, identifica que o padrão recorrente de uso seria aquele que chamamos de “recreativo”: as pessoas fumam maconha por prazer, sem que isso configure uma prática abusiva de uso ou represente qualquer tipo de ruptura relevante no quadro geral de suas vidas. Essas pessoas usam maconha para se sentir bem, relaxar, descontraírem; porque encontraram uma justificativa individual que valida certa prática de uso dessa droga. Justificativa, junto com aprendizado, são duas noções-chave para compreender o que leva as pessoas a estabelecerem determinada relação com uma droga; pois, argumenta Becker, quando pensamos nos usuários de maconha como pessoas que aprenderam a ver a planta como algo que pode lhes dar prazer, não há dificuldade em compreender que pessoas “psicologicamente normais” apenas vivenciaram nessa experiência alguma sensação ou percepção que as levam a justificar a continuidade do uso.

Ao longo de todo o caminho até a justificativa, o usuário atravessa um processo de aprendizado sobre a droga que se inicia com o aprendizado da técnica. Ou seja, o usuário, antes de tudo, precisa aprender a “maneira apropriada” de administrar a droga e aprender a identificar a “dosagem suficiente” para que os efeitos se manifestem em seu corpo, porque se nada acontece “é manifestamente impossível para o usuário desenvolver uma concepção da droga”¹⁰. Porém, quando falamos sobre LSD, existem algumas particularidades que precisam ser consideradas. Primeiro, é

⁶ Ibid. p. 51.

⁷ Ibid. p. 51.

⁸ Ibid. p. 52.

⁹ Ibid. p. 52.

¹⁰ Ibid. p. 56.

preciso lembrar que o LSD não exige uma técnica de inalação ou aspiração e retenção da fumaça, tal como “fumar um baseado” exige¹¹:

[...] você não fuma maconha como um cigarro, você aspira muito ar e faz descer bem fundo, em seu sistema, e depois segura ele ali. Tem de segurar o ar ali o máximo de tempo possível. [...] O problema com pessoas assim (que não são capazes de entrar no barato) é apenas que não estão fumando direito, só isso. [...] Muita gente simplesmente não fuma maconha direito, então é claro que nada vai acontecer.¹²

Em contraste, o LSD simplesmente é colocado na boca ou dissolvido em água ou jujubas e praticamente não há como cometer equívocos no emprego da técnica, apesar de ser possível e muito comum que ocorram erros na administração da quantidade. Por um lado, pode-se ingerir uma quantidade inferior à necessária para que se manifestem os efeitos ou uma quantidade que provoque efeitos muito leves que podem vir a não ser percebidos como consequência da ingestão do LSD:

Eu tomei só um quarto, foi uma coisa bem de leve, tanto foi que eu acho que nem bateu direito. Eu só vi as cores mais reluzentes, as coisas mais nítidas, eu fiquei impressionada, tava olhando o céu, o mar, o sol... (Isabela).

Ou ainda, pode-se ingerir uma quantidade maior do que a desejada, levando à experimentação de sensações e intensidades que estão além da atual capacidade de manejo da experiência do usuário:

Eu senti que começou a fazer efeito assim que eu desci do ônibus no ponto em frente ao prédio. Eu já sentia as coisas um pouco diferentes, e assim que eu entrei pela porta de casa eu já me sentia outra pessoa. Muito, extremamente doido, extremamente alterado, com certeza. E aí foi uma sequência de coisas novas que eu estava literalmente aprendendo a como viver, entre aspas: em outra dimensão. Totalmente diferente. Cores diferentes, formas diferentes, coisas se mexendo... Acredito que eu peguei uma qualidade até boa pro meu primeiro LSD. (Miguel).

De volta ao esquema de Becker, após aprender a técnica, o indivíduo precisa aprender a perceber os efeitos da droga. De modo que ter uma experiência com a maconha implica não apenas a presença dos efeitos causados pelo uso, mas também o reconhecimento desses efeitos enquanto consequência da ingestão da substância. Portanto, o usuário deve conscientemente associar os efeitos ao fato de que fumou maconha. Novamente, nessa etapa do processo de aprendizado, uma observação precisa ser feita tendo em vista o uso de ácido. Há uma diferença no *modus operandi* das substâncias: não só os modos como estruturam as experiências e condicionam seu manejo são

¹¹ O fumo não é a única forma de administração da maconha disponível. É possível também extrair o THC da planta cozinhando-a em algum ingrediente gorduroso como a manteiga, por exemplo. Por esse processo chega-se à “manteiga de maconha”, que pode ser usada em diversas receitas, dentre as quais estão o “brisadeiro”, brigadeiro de maconha, bolos e brownies.

¹² Ibid. p. 55.

específicos, como suas intensidades e deslocamentos também o são. Vemos com Becker que os efeitos da maconha podem ser tão sutis ao ponto de passarem despercebidos a um usuário novato:

Na verdade, vi um cara que estava no maior barato e não sabia disso. Bom, é muito estranho, reconheço, mas eu vi. O sujeito ficou meu amigo, e afirmava que nunca tinha ficado no barato e ele ficou completamente doidão. E continuava insistindo que não estava no barato. Assim, tive que provar para ele que estava¹³.

Algo que parece muito improvável de se verificar no caso do uso de LSD é o que suscita esta afirmação: “como se eu não soubesse o que estava acontecendo”. A intensidade e o deslocamento provocados pelo LSD apresentam-se de tamanha amplitude que não perceber que o ácido está fazendo efeito implicaria a ingestão de uma quantidade de fato insuficiente para que se manifestassem, como indica um de nossos interlocutores:

O que acontece com o LSD é muito singular e você sabe que está sobre efeito de LSD. (Miguel).

Como vimos, em ambos os casos, mesmo que de formas distintas, é preciso aprender a perceber os efeitos da droga e esse aprendizado pode se dar tanto de forma direta – como na citação que sublinha a singularidade do LSD –, quanto de forma indireta – ressaltado pela fala “tive que provar para ele que estava”. Feita a ressalva sobre a particularidade do *modus operandi* lisérgico, resta que um usuário novato – ou “aprendiz” – ainda que seja capaz de notar alguns dos efeitos por si só, aprende com usuários mais experientes “referenciais concretos” que se incorporam aos seus conhecimentos e podem então ser aplicados à sua própria experiência. Esses novos conceitos “tornam possível para ele [o usuário] localizar esses sintomas entre suas próprias sensações e indicar para si mesmo ‘algo diferente’ em sua experiência que associa com o uso da droga. É somente quando pode fazer isso que entra no barato”¹⁴. Em sua pesquisa, Becker já sustenta que o usuário está continuamente aprendendo a ter um barato ao atentar para a persistência dos efeitos que já conhece e de possíveis novas sensações que eventualmente podem surgir ao continuar e expandir sua prática de uso. Esta última possibilidade ficará mais clara neste trabalho quando discutirmos o desenvolvimento das práticas de uso ao longo da trajetória de vida de cada interlocutor por meio da formação de um “conjunto estável de categorias para a experimentação dos efeitos da droga”¹⁵.

Tendo o usuário finalmente aprendido a perceber os efeitos, identificá-los e associá-los ao uso da droga, o próximo passo na carreira do aprendiz é aprender a gostar dos efeitos. Porque os

¹³ Ibid. p. 57.

¹⁴ Ibid. p. 59.

¹⁵ Ibid. p. 61.

efeitos da substância não são “automaticamente” percebidos como “agradáveis” ou, se “desagradáveis”, como desejáveis. O gosto pela experiência, além de socialmente adquirido – como acabamos de expor – deve atender a algum propósito que justifique a prática, seja a mera busca por prazer ou reflexões profundas sobre si mesmo. Independentemente de qual seja esse propósito, o usuário novato “não dará continuidade ao uso, a menos que aprenda a redefinir as sensações como agradáveis”¹⁶ ou pelo menos desejáveis.

Logo acima mencionei sensações “desagradáveis” que podem ser desejáveis ainda assim; o fiz porque é possível que o usuário se submeta a sensações “desagradáveis” ou à incerteza de experimentá-las por saber que ainda assim pode extrair algum tipo de “benefício” da experiência. Essas experiências “desagradáveis” são a *badtrip* nas experiências com LSD e outros psicoativos (inclusive a maconha), e a *pêia* nas experiências com o chá da Ayahuasca, por exemplo. Por isso, julgo indispensável fazer uma emenda ao enunciado de Becker, segundo o qual “em nenhum caso o uso continua sem uma redefinição dos efeitos como agradáveis”. Creio que seja mais adequado para compreender o fenômeno usar os termos “desejado” e “indesejado”, uma vez que existem sensações desagradáveis que podem ser consideradas desejáveis. E, se for o caso de não serem consideradas desejáveis, pela razão de trazerem algum aprendizado em contrapartida, pelo menos são toleradas em nome dessa contrapartida que oferecem – mas não indesejadas. Nessa direção, Becker salienta que a interação os com usuários mais experientes contribui para a redefinição dessas sensações desagradáveis justamente por meio dos “referenciais concretos” fornecidos por esses aos novatos, que podem servir para colocar suas próprias concepções sob perspectiva e estimular a redefinição das mesmas:

Finalmente, ensina ao novo usuário que ele pode “passar a gostar disso depois de um tempo”. Ensina-lhe a considerar agradáveis essas experiências ambíguas antes definidas como desagradáveis.¹⁷

Nesse momento do aprendizado, um retorno às técnicas de uso da substância pode ser fundamental, já que a quantidade administrada pode influenciar diretamente nas sensações que o usuário pode vir a experimentar. Uma quantidade menor pode eliminar os efeitos indesejáveis ao mesmo tempo em que conserva os desejáveis. Do mesmo modo, uma reavaliação dos *settings* que costumam ser cenário das experiências pode ser oportuna, dado que o ambiente pode interferir drasticamente nos efeitos percebidos.

Em resumo, o que Becker demonstra é que para se tornar um usuário de uma determinada droga é imprescindível que o indivíduo transcorra todas essas etapas do processo de aprendizado. É

¹⁶ Ibid. p. 62.

¹⁷ Ibid. p. 64.

preciso (1) aprender a técnica de uso da droga, (2) aprender a perceber os efeitos e associá-los à droga e (3) aprender a gostar dos efeitos e defini-los como desejáveis ou toleráveis. No esquema do autor, se o usuário não obtiver o aprendizado necessário a cada etapa do processo, são grandes as suas chances de não dar continuidade à prática do uso. O usuário precisa, a cada experiência, o tempo inteiro, encontrar uma razão ou propósito para dar continuidade ao uso, uma vez que, em meio à sequência de mudanças nas concepções que possui acerca da droga, deve haver algo consistente que lhe sirva de justificativa. Assim, o autor conclui que:

No curso desse processo, o sujeito desenvolve uma disposição ou motivação para usar maconha que não estava e não poderia estar presente quando começou, pois envolve concepções da droga que só seria possível formar a partir do tipo de experiência real antes detalhado, e depende delas.¹⁸

A ideia de aprendizado, como é trabalhada aqui, é de suma importância para a exploração que se segue. Todavia, é preciso dizer que a pesquisa de Becker se limita ao momento da experiência com a droga propriamente dita – ou seja, quando está fazendo efeito –, se seus efeitos são “agradáveis” ou não. Permanece intocado, no entanto, o tema de como a experiência se estrutura para cada usuário. Para além dos meros efeitos e sensações, o quê de sua situação biográfica é mobilizado, quais ideias? E se toda experiência vivida e sedimentada no estoque de conhecimentos de cada um representa um novo aprendizado, quais são esses aprendizados? Como eles repercutem no cotidiano dessas pessoas? Todas essas perguntas apenas sinalizam que as experiências com psicoativos podem ter impactos estruturantes e reestruturantes no mundo da vida de seus usuários.

1.2. O paradigma da experiência no mundo da vida

O mundo da vida é o mundo no qual nossa existência humana toma parte em todos os seus aspectos; é o lugar onde agimos e interagimos; é o mundo que já estava aí quando nascemos. Nesse mundo toda interpretação “é baseada sobre um estoque de experiências prévias a seu respeito, nossas próprias experiências e aquelas transmitidas a nós por nossos pais e professores que, sob a forma de um ‘conhecimento à mão’, opera como um esquema de referência”¹⁹. No modo da atitude natural o mundo é um mundo que não é colocado em questão, ele é um mundo compartilhado, intersubjetivo – comum a todos nós.

É de salutar importância para nossa análise ressaltar que nos encontramos sempre em uma situação biograficamente determinada. Isto quer dizer que temos uma história de vida que nada mais

¹⁸ Ibid. p. 67.

¹⁹ SCHUTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 84.

é que “a sedimentação de todas as experiências prévias do indivíduo, organizadas como uma posse que está facilmente disponível em seu estoque de conhecimento e, enquanto uma posse exclusiva, trata-se de algo que é dado a ele e somente a ele”²⁰. A situação biográfica esculpe as possibilidades de nossas atividades futuras na forma de objetivos à disposição que definem quais dentre os diversos elementos de uma dada situação serão relevantes ou não. Ela o faz com base em nosso estoque de conhecimentos que está disponível a qualquer momento; ele funciona como um código de interpretação de nossas experiências passadas e das experiências em curso. O estoque de conhecimentos, por sua vez, se organiza como uma sedimentação de significados constituída de e por atividades anteriores de nossa experiência na forma de uma posse habitual, exclusiva e à disposição para interpretação de situações cotidianas. Ele existe num fluxo contínuo e muda sua extensão e estrutura de um agora para um agora seguinte a todo tempo, e novas experiências o enriquecem e o alargam.

O homem em sua vida cotidiana encontra, a cada momento, um estoque de conhecimentos à sua disposição, que lhe serve como um esquema interpretativo de suas experiências passadas e presentes, e também determina sua antecipação das coisas que estão por vir. Esse estoque de conhecimento possui uma história particular. Ele foi constituído nas e pelas atividades vivenciadas por nossas consciências, cujo resultado agora se tornou nossa posse habitual.²¹

A estrutura descrita acima é indissociável de nosso ser, e estar no mundo é a bagagem ou a posse habitual que possuímos. É assim que o nosso fluxo de consciência funciona a todo instante, indiferentemente do estado de consciência dentro do qual ela flui. Por essa razão, não haveria de ser diferente com as experiências lisérgicas, pois são experiências como qualquer outras e operam com um esquema de referência nos mesmos termos.

Em nossas análises, veremos que quando nossos interlocutores fazem uso do LSD, é a sua situação biográfica que, a partir do sistema de relevâncias, estrutura os termos de sua experiência com base em seu estoque de conhecimentos e seus repertórios cognitivos. O que há de diferente é o efeito de paralaxe proporcionado pelo ácido, deslocando a perspectiva que estruturará a experiência sob o efeito lisérgico. Os regulamentos lisérgicos, como chamaremos as estruturas subjetivas da experiência com o ácido, se instauram a partir daquelas ideias que são mais relevantes na vida do usuário.

A experiência lisérgica – ou lisergia – é um estado específico no qual a consciência flui, distinto do estado de consciência ordinário. Mas, antes de nos determos na discussão sobre o estado de consciência alterado pelo LSD, é mister determinar o que é experiência. Na sociologia

²⁰ Ibid. p. 85.

²¹ Ibid. p. 86.

fenomenológica de Schutz, desenvolvida a partir dos aportes de Husserl, a experiência é um fluxo interno à consciência individual que se encontra lançada no mundo. Nesse mundo a consciência sempre se dirige a alguma coisa, de modo que a consciência é sempre “consciência de” alguma coisa. A esse perpétuo “dirigir-se a”, chamamos “intencionalidade”. “Portanto, toda experiência não é caracterizada apenas pelo fato de que existe uma consciência, mas é simultaneamente determinada pelo objeto intencional do qual se tem consciência”²². É por isso que “enquanto vivemos, vivemos em nossas experiências, e, como estamos concentrados sobre seus objetos, não percebemos os ‘atos subjetivos de experiência’ em si mesmos”²³. Isto é, vivemos nossas vidas sem questionar o caráter de nossas experiências – ou nossas experiências em si.

Vivemos em nosso dia a dia no modo de existência da atitude natural, assumindo que o mundo no qual estamos e sobre o qual agimos é um fato dado, existente como uma realidade independente de nós. Entretanto, a realidade espaçotemporal do mundo é uma crença à qual aderimos “naturalmente” à medida que vivemos. Imagine questionarmos o tempo inteiro a existência de um mundo com o qual inescapavelmente precisamos lidar! No entanto, enquanto “naturalmente” vivemos, não percebemos os fluxos de nossas experiências enquanto constituintes das formas como atribuímos significados e valores a nossa vida e a esse mundo no qual estamos; apenas vivemos imersos nos fluxos de nossas experiências.

Em via de compreendê-las, precisamos escapar de nossa atitude natural suspendendo a “tese geral do ponto de vista natural”²⁴; ou seja, suspendendo essa crença ingênua acerca da existência independente do mundo. Colocamos então o mundo e a nossa experiência nesse mundo “entre parênteses”. Esse ato específico de reflexão nos permite “revelar” a estrutura subjetiva de nossas experiências. Faz-se assim possível, por exemplo, alcançar as percepções dos nossos interlocutores acerca de suas relações com o LSD, colocando suas experiências com o psicoativo entre parênteses:

O que sobra do mundo após esse processo de colocação entre parênteses? Nem mais nem menos do que a completude concreta do fluxo de nossa experiência que contém todas as nossas percepções, reflexões, em suma, nossas cogitações. E na medida em que essas cogitações continuam a ser intencionais, seus “objetos intencionados” correlatos também persistem, mesmo com os parênteses. Mas de modo algum eles devem ser identificados como objetos instituídos. Eles são apenas “aparências”, fenômenos, e, como tais, são mais algo como “unidades” ou “sentidos” (“significados”). Portanto, o método da redução fenomenológica torna acessível o próprio fluxo da consciência, como um reino que existe em si mesmo, em sua natureza absolutamente singular. Nós podemos experienciá-la e descrever sua estrutura interna. Essa é a tarefa da psicologia fenomenológica... A redução transcendental é importante para a psicologia fenomenológica descritiva não apenas porque revela o fluxo da consciência e suas características em sua pureza, mas, acima de tudo,

²² Ibid. p. 70.

²³ Ibid. p. 70.

²⁴ Ibid. p. 71.

porque algumas importantes estruturas da consciência podem ser tornadas visíveis somente no âmbito dessa esfera reduzida.²⁵

Nessa direção – sem almejar encontrar tal pureza ou mesmo as estruturas da consciência –, este estudo se debruça sobre as experiências subjetivas, e fundamentalmente no exercício de explorar as experiências lisérgicas narradas pelos nossos interlocutores, organizando suas ideias em busca das noções basilares a partir das quais o regulamento lisérgico se instaura²⁶. Como veremos adiante, analisar – em um todo coerente – o modo como esses usuários percebem suas experiências desempenhará papel indispensável no entendimento de como a lisergia pode vir a ganhar legitimidade dentro o conteúdo de seu estoque de conhecimentos, vindo assim a compor o sistema de relevâncias que orientará sua conduta na atitude natural.

Tenhamos em mente que os atos de reflexão acima referidos – o nosso refletir cotidiano sobre nossas ações e nossa vida em geral –, são percebidos pela sociologia de Schutz como um nível propriamente teórico de redução fenomenológica realizada pelo indivíduo. Contudo, por se tratar de um nível de reflexão tão básico e integrado aos fluxos de nossas experiências, é indispensável salientar que não consta neste texto a visão segundo a qual essas reflexões próprias ao viver são algo como atos teóricos propriamente ditos de afastamento da atitude natural. Pelo contrário, serão aqui tratados como imanentes ao fluxo da experiência subjetiva em si. Por outro lado, as análises aqui apresentadas são de fato atos de reflexão específicos que se enquadram como um exercício teórico de redução fenomenológica propriamente dito. A reflexão dos usuários sobre suas próprias experiências os afasta tão minimamente do estado de imersão da atitude natural que distanciá-los artificialmente dos insights a que chegam sobre si mesmos seria, ao nosso ver, uma abordagem inadequada. Os caminhos de análise da percepção, ao não extraí-los da totalidade e unicidade de seus fluxos de consciência, garantem que a redução fenomenológica recaia somente ao trabalho propriamente teórico.

Estando esse ponto pacificado, é preciso afirmar que os atos de reflexão são os responsáveis por fazer de uma experiência imersa no fluxo da duração pura uma experiência significativa:

As experiências são apreendidas, distinguidas, colocadas em relevo, diferenciadas umas das outras; as experiências que se constituíam enquanto fases durante o fluxo da duração agora se tornam objetos da atenção enquanto experiências constituídas²⁷.

Tenham sido desencadeados em estado de consciência alterado ou ordinário, os atos reflexivos apreendem significado sobre o mundo e operam em níveis qualitativamente diversos de

²⁵ Ibid. p. 71.

²⁶ O regulamento lisérgico será exposto na seção 1.3. deste capítulo.

²⁷ Ibid. p. 74-75.

atenção e imersão no fluxo de consciência, de modo que o mundo – o mesmo mundo da atitude natural –, quando experienciado sob o efeito do LSD, passa por um fenômeno similar ao de paralaxe e é tornado significativo de um modo específico: o modo lisérgico.

Chamamos de paralaxe o fenômeno de aparente deslocamento de um objeto observado – em nosso caso, objeto intencionado –, que é provocado por uma mudança no posicionamento do observador. Esse deslocamento de perspectiva causado pela alteração do estado de consciência modifica não só a percepção das experiências no fluxo de consciência, mas a qualidade dos atos reflexivos (por exemplo, as intensidades e durações) e os próprios significados apreendidos da experiência. Por fim, como tratamos aqui da alteração no estado de consciência como um deslocamento da perspectiva cotidiana do estado de consciência ordinário, a noção de paralaxe nos parece fortuita para ilustrar tal movimento.

Como vimos na introdução, o ácido faz com que o mesmo mundo da vida seja percebido de um modo distinto e específico: um modo lisérgico de ver o mundo, se pudermos dizer assim. Resta somente determinarmos quais seriam as diferenças entre fluxo de consciência e estado de consciência para que a discussão prossiga sem risco de confusão entre os conceitos.

O fluxo de consciência é entendido, nos escritos de Schutz, nos mesmos termos do conceito de *durée* formulado por Bergson: “um contínuo vir a ser e deixar de existir de qualidades heterogêneas”²⁸. No fluxo de consciência – a “duração pura” –, não há senão “um fluxo contínuo, uma torrente de estados de consciência”²⁹. Quando falamos em estado de consciência, evocamos não só os modos como a consciência pode fluir, como também os fenômenos do mundo da vida: a organização espaço-temporal, as percepções que temos do mundo e das coisas do mundo, de seus objetos, etc.

O fluxo da consciência, em virtude de sua própria natureza, ainda não foi capturado pela rede da reflexão. A reflexão, sendo uma função do intelecto, pertence essencialmente ao universo espaçotemporal da vida cotidiana. A estrutura de nossa experiência varia conforme nos rendemos à corrente da duração ou paramos para refletir sobre ela, tentando classificá-la em conceitos espaçotemporais.³⁰

É seguindo essa linha de raciocínio que nosso trabalho se limitará a discutir apenas o contraste que pode ser estabelecido entre as estruturas das experiências no estado de consciência ordinário e no estado de consciência alterado pelo LSD. E sendo o fluxo da consciência inacessível à nossa análise, restam-nos como material os atos de reflexão dos usuários: afinal, como narram suas percepções acerca de suas “viagens lisérgicas”? Cabe somente salientar que a lisergia é um estado

²⁸ Ibid. p. 72.

²⁹ Ibid. p. 72.

³⁰ Ibid. p. 73.

específico dentro do qual a consciência pode fluir na vida cotidiana; apesar de estar com a consciência alterada, o usuário vive a experiência lisérgica no mesmo mundo do seu dia a dia.

1.3. Os ensinamentos de Dom Juan

Carlos Castañeda elaborou um sistema sofisticado para analisar a ordem operacional de Dom Juan em sua jornada de aprendizado para se tornar um “homem de conhecimento”. Se o esquema de Castañeda procurou expor a “coesão interna” e a “irrefutabilidade” da sabedoria de Dom Juan, aqui me apropriado do trabalho desenvolvido e proponho uma abordagem que seja pelo menos capaz de expor a estrutura subjetiva das experiências lisérgicas de nossos interlocutores. Castañeda trata as ideias principais de Dom Juan como conceitos significativos e os organiza de modo que seja possível visualizar como esse sistema mobiliza elementos biográficos de sua trajetória individual. Desse modo, não apenas torna-se possível vislumbrar as relações de Dom Juan e Castañeda com seus aliados, como podemos observar em que termos essas relações se instauram.

Diante do desafio de compreender a experiência lisérgica com maior profundidade, não vejo melhor alternativa ao sistema estrutural coligido por Castañeda. Em nossa análise serão usados alguns dos conceitos cunhados por Castañeda e algumas das ideias de Dom Juan que os inspiraram; de modo similar, formulei alguns conceitos com base nas ideias contidas nas narrativas que estudei. Apesar de inspiração principal para nossa análise, não pretendo aplicar o esquema estrutural do “homem de conhecimento” em sua integridade por se tratar de um esquema muito específico à pesquisa de Castañeda que não poderia ser simplesmente replicado em um contexto tão diverso e aplicado a uma substância que – apesar de psicodélica – funciona de modo bastante diferente. Porém, nenhuma comparação entre seus *modus operandi* será realizada aqui. Ambos os psicoativos são psicodélicos e ambas as experiências mostram que seu potencial de impactar a vida dos usuários é digno de estudo. As demais semelhanças compartilhadas dizem respeito, mais especificamente, às personalidades das substâncias, à relação que se estabelece entre o usuário e a substância, e a como ambas as práticas de uso confluem num caminho de busca por maior conhecimento sobre si mesmo e ritualização da prática.

Castañeda organiza o sistema estrutural em uma ordem operacional composta por quatro “unidades”, sendo estas: “homem de conhecimento”; “um homem de conhecimento tinha um aliado”; “um aliado tinha uma regra”; e “a regra foi corroborada por um consenso especial”. Não utilizarei em minhas análises o conceito “homem de conhecimento”, pois não me parece ser aplicável à nossa pesquisa. Em primeiro lugar porque representa um propósito individual e específico, que é tornar-se um “homem de conhecimento”; expressa apenas o objetivo operacional

de Don Juan como condição para partilhar seu conhecimento e não ecoa no material colhido em campo. Em segundo lugar, não parece cabível fazer qualquer adaptação ao conceito pelas razões anteriormente expostas. “Conhecimento” será tratado, neste trabalho, de forma generalista, partindo da mesma compreensão de Schutz e Becker combinadas, segundo as quais qualquer experiência vivida é uma experiência de aprendizado e representa a sedimentação de algum novo conhecimento significativo no estoque de conhecimentos do indivíduo.

Feita essa ressalva, perpassaremos todas as “unidades”, mas sem explorá-las por inteiro. Muitos dos elementos encontrados ou são muito específicos ou exigem uma discussão que complexificaria demasiadamente essa monografia, sem mencionar que exigiria um debate mais exaustivo entre todos os autores aqui elencados, o que claramente foge ao escopo do trabalho.

Na unidade “homem de conhecimento”, Castañeda deixa claro que tornar-se um “homem de conhecimento” consiste em um “objetivo operacional” que justifica a jornada de aprendizagem à qual o aprendiz se submete, e que, portanto, para compreender a ordem operacional, faz-se indispensável compreender seu objetivo final. A ideia de ser um “homem de conhecimento” faz sentido na cosmovisão de Dom Juan como a única maneira possível para que Castañeda acesse seus ensinamentos sobre a mescalina e seus efeitos. À princípio, Castañeda estava interessado em pesquisar plantas medicinais utilizadas por indígenas. Ao encontrar Dom Juan, este lhe disse que só o ensinaria sobre a planta se ele se compromettesse com o propósito de tornar-se um “homem de conhecimento”.

O primeiro tema dessa unidade que nos interessa é que tornar-se ou não um homem de conhecimento era uma questão de aprendizado:

[...] a aprendizagem era o único meio possível para um homem tornar-se um homem de conhecimento, e isso, por sua vez, implicava no ato de se fazer um esforço resoluto para conseguir um objetivo. Ser um homem de conhecimento era o resultado final de um processo, em oposição a uma aquisição imediata por um ato de graça ou pela doação por poderes sobrenaturais. A plausibilidade de aprender a ser um homem de conhecimento justificava a existência de um sistema para ensinar a consegui-lo³¹.

Esse item apontado por Castañeda se aproxima muito do que postulou Becker em sua pesquisa: tornar-se ou não um usuário de maconha depende do desempenho do indivíduo no processo de aprendizado – que implica aprender a técnica, aprender a reconhecer os efeitos e associá-los à droga, e finalmente aprender a significar o uso como agradável ou desejável.

Nessa mesma direção, mas avançando em relação ao estudo de Becker, iniciar o uso de alguma substância implica um “esforço resoluto”. O objetivo alvo desse esforço pode ser desde

³¹ CASTAÑEDA, Carlos. *A Erva do Diabo*. Rio de Janeiro: Record. 1968. p. 187-188.

aprender a significar a experiência como agradável e divertir-se, até se apropriar do *modus operandi* da substância como uma ferramenta – um aliado – para ter insights e reflexões sobre questões pessoais. Qualquer que seja o objetivo, é preciso aprender os caminhos disponíveis e possíveis para alcançá-lo.

Isso nos leva ao próximo item de interesse deste capítulo. Aquele que busca aprender a usar um psicoativo como um aliado em busca de determinado objetivo deve ter um propósito. Castañeda fala em um “propósito inflexível”. Mas, como discutimos até então, a relação de um usuário com uma droga se desenvolve como um processo que precisa sempre ser justificado para que continue a existir e, com efeito, está sujeito a constantes mudanças em seus termos, o que não impede que um usuário eventualmente seja inflexível para com algum de seus objetivos com uso. Por conta disso, creio ser mais adequado utilizar somente “propósito” para abordar esse tema.

Ter um propósito inflexível quer dizer ter a vontade de realizar um processo necessário, mantendo-se em todos os momentos rigidamente dentro dos limites do conhecimento que está sendo ensinado³².

Ao contrário do que se observa em *A Erva do Diabo* quanto a se manter “rigidamente dentro dos limites”, o nível de comprometimento com algum processo ou objetivo na experiência lisérgica depende exclusivamente da disposição do usuário. Este pode extrair o que quiser e conseguir de suas experiências, desde que se adéque ao *modus operandi* do seu aliado – no caso, o ácido. Uma vez tendo definido o que busca, fica entregue à sua própria vontade de explorar ou não o potencial da substância dentro daquilo que ela oferece e nos termos em que ela oferece. Assim como vimos com Schutz e Becker em seus estudos, um propósito desempenha papel fundamental na orientação da ação e na justificação da prática. Contudo, independentemente do propósito pretendido, o usuário naturalmente se manterá dentro dos limites do que está disposto a experimentar, sob o risco de se expor a uma experiência que o leve a não mais desejar a experiência. De modo a permanecer dentro dos respectivos limites, o usuário deve aprender a como fazê-lo enquanto lida diretamente com o aliado. O então aprendiz deve agir com frugalidade e firmeza de julgamento, pois, de um modo ou de outro, vê-se com seu estado de consciência alterado pelo aliado e precisa lidar com esse *modus operandi* específico e não habitual. Se algum esforço precisa ser feito para lidar com o estado lisérgico de consciência, ser frugal facilita a manutenção de um certo grau de atenção sobre o que está acontecendo, e possuir firmeza de julgamento contribui na avaliação de eventuais necessidades de ação.

³² Ibid. p. 189.

Qualquer que seja o cenário, este se configura como “processo incessante”. Ou seja, tornar-se um “homem de conhecimento” não quer dizer chegar a algum lugar; pelo contrário, a ideia se caracteriza pelo movimento incessante de busca do conhecimento. Assim, mesmo tendo-se aprendido os meios, a estagnação no processo representaria um embargo à realização do objetivo. Por essa razão, no que concerne ao aprendizado e à obtenção de novos conhecimentos, Dom Juan chama atenção de que é preciso sempre renovar a busca pelo conhecimento, lidar com a transitoriedade de quem se é, e seguir um caminho com coração:

Renovar a busca implica em conquistar e manter o controle sobre si mesmo. Um verdadeiro homem de conhecimento deve combater cada um dos quatro inimigos [medo; clareza; poder e velhice], sucessivamente, até o último momento de sua vida, a fim de se manter ativamente empenhado em tornar-se um homem de conhecimento. [...] O caminho com coração é uma maneira metafórica de asseverar que, a despeito de ser transitória, a pessoa ainda assim tem de prosseguir e tem de ser capaz de encontrar satisfação e realização pessoal no ato de escolher a alternativa mais acessível e identificar-se completamente com ela. Dom Juan sintetizou o fundamento lógico de todo seu conhecimento na metáfora de que o importante para ele era encontrar o caminho com o coração e depois percorrer a sua extensão, significando que a identificação com a alternativa acessível era o suficiente para ele. A viagem em si era suficiente; qualquer esperança de chegar a uma posição permanente estava fora dos limites de seu conhecimento³³.

A ideia de transitoriedade então aparece em combinação com a necessidade de seguir um caminho com coração nas circunstâncias que fazem parte desse compromisso de estar incessantemente atrás de novos aprendizados. Uma vez estabelecido um propósito que justifique o uso, é importante que o indivíduo se realize no caminho que escolheu, criando uma relação de consenso com seu aliado.

A segunda unidade da ordem operacional é tida, por Castañeda, como de grande importância ao sistema estrutural, por ser irrealizável o objetivo de tornar-se um “homem de conhecimento” sem ter um aliado nessa jornada. A figura do aliado seria uma personificação da substância, dotando-a de uma personalidade que, a seguir, abordaremos como o seu regulamento. O aliado era visto por Dom Juan como:

[...] “um poder capaz de transportar o homem além dos limites dele próprio”; isto é, um aliado é um poder que permite à pessoa transcender o reino da realidade comum. Consequentemente ter um aliado implica em ter poder; e o fato de que um homem de conhecimento tem um aliado é em si prova de que o objetivo operacional dos ensinamentos foi atingido³⁴.

Além de ter uma personalidade embebida de poder, por viabilizar o acesso do usuário a uma visão de mundo permeada pelo seu *modus operandi*, o aprendiz que cultivava sua relação com um

³³ Ibid. p. 194.

³⁴ Ibid. p. 195.

aliado termina por se identificar pessoalmente com este por meio de um acordo entre as partes: o aliado lhe serve como ferramenta desde que o aprendiz se atenha ao seu regulamento. O aliado não tinha forma definida e nem poderia ser visto. Enquanto entidade poderosa, fazia-se sentir sua presença. Os adeptos de religiões e cultos ayahuasqueiros, por exemplo, referem-se à entidade do chá por “O vegetal” ou “A força”. Fato é que as experiências analisadas neste trabalho são individuais e não seguem nenhuma doutrina religiosa, por isso nos é muito importante sublinhar que a forma de manifestação do aliado pode se verificar de qualquer modo, estando condicionado apenas aos elementos biográficos do indivíduo. Como o LSD não cria nenhuma realidade alheia ao usuário, a manifestação do aliado também se torna biograficamente localizada. Desse modo, Castañeda foi muito feliz em afirmar que:

[...] um aliado era percebido apenas como uma qualidade dos sentidos; um aliado não tinha uma forma, sua presença era observada somente por seus efeitos sobre o feiticeiro [usuário]. [...] [Dom Juan] descreveu um aliado como tendo o caráter de um ser humano, insinuando assim que um feiticeiro individual estava em posição de escolher o aliado mais adequado, comparando seu próprio caráter com as supostas características antropomórficas de um aliado³⁵.

Daí que se verifica uma identificação pessoal entre as personalidades do usuário e do aliado; sua manifestação se dá com base na situação biograficamente determinada do usuário e nos dados de seu estoque de conhecimentos e sistema de relevâncias. O aliado não pode se manifestar de nenhuma forma fora desses limites pois é com base neles que instaura o seu regulamento. O regulamento do aliado é orientado pela sua personalidade, que é o seu *modus operandi*.

Como o poder do aliado poderia vir a ser manipulado pelo aprendiz para alcançar o seu propósito, o aliado carrega também o caráter de ser domesticável. A manipulação de um aliado implicava agenciá-lo como “veículo” e “auxiliar”. O aliado é um veículo no sentido de que pode transportar o usuário para o estado de consciência alterado, ou simplesmente alterar o estado de consciência do usuário – lembremos que o aliado é a própria substância administrada. E é um auxiliar quando, após alterar o estado de consciência do usuário, pode ser agenciado como ferramenta “para ajudá-lo a conquistar o objetivo que ele tivesse em mente ao ingressar no reino de realidade não comum”³⁶. É importante ressaltar que “a complexidade e aplicabilidade dessas propriedades aumentavam à medida que a pessoa avançava no caminho da aprendizagem”³⁷.

Quando utilizamos os termos “personalidade” e “*modus operandi*” para referirmo-nos aos efeitos da substância, aludimos ao que Castañeda chama por “regulamento” do aliado. O

³⁵ Ibid. p. 196-197.

³⁶ Ibid. p. 200.

³⁷ Ibid. p. 200.

regulamento do aliado consiste no *modus operandi* que este instaura na experiência do usuário. O usuário se submete ao regulamento, que se faz notar com a alteração do seu estado de consciência, ou seja, na alteração de sua percepção. Quando falamos em regulamento lisérgico, portanto, queremos indicar os efeitos específicos que só o LSD pode proporcionar, pois dizem respeito à sua personalidade. Em outras palavras, o regulamento é o regime de experiência proporcionado pela droga. O regulamento lisérgico impõe ao usuário o *modus operandi* de uma realidade lisérgica, e enquanto durarem os efeitos, o usuário precisa lidar com o mundo nos termos que a nova perspectiva que se impõe.

Como vimos que há identificação pessoal entre o aliado e o aprendiz, deve ficar claro que o regulamento, apesar de manifestação da personalidade lisérgica, não é o mesmo para todos os usuários. Por se instaurar a partir dos elementos biográficos já discutidos, não há como o regulamento ser igual, de modo que apenas faz sentido falar em regulamentos, no plural; quando no singular, podemos chegar somente a uma formulação geral por ser a substância a mesma, mas que de modo algum representa a diversidade de termos que integram cada regulamento.

Dito isto, os termos dos regulamentos são corroborados por um consenso especial – sendo este nosso último tema de interesse. Por meio da identificação pessoal, as partes firmam um acordo que se estrutura da seguinte forma: o aliado tem seu regulamento específico que lhe é indissociável, tratando-se justamente da personalidade que o define; resta ao usuário aceitar submeter-se ao regulamento do aliado; e, em seguida, estando acordados nesse quesito, o aliado fica disponível como veículo e auxiliar para o usuário em busca de realizar seus propósitos. Esse entendimento a que chegamos consiste em um “consenso especial”. Enquanto o aliado articula os elementos biográficos do usuário de modo a estruturar o regulamento que será instaurado, a pessoa se apropria dos poderes do aliado e manipula-os em benefício próprio.

Nos ensinamentos de Dom Juan, o consenso especial significava uma concordância tácita ou implícita sobre os elementos constituintes da realidade não comum, que ele, em sua capacidade de mestre, dava a mim, como aprendiz de seu conhecimento³⁸.

Comprometido com a análise dos ensinamentos de Dom Juan, Castañeda apenas considera a possibilidade de transferência das informações sobre a “realidade não comum” de forma indireta, por intermédio de um guia – no caso, o seu mestre. Por mais que esse seja um caso plausível e corriqueiro, principalmente em contextos religiosos de uso, nossa pesquisa se debruça sobre experiências subjetivas nas quais a transferência de conhecimentos se dá, significativamente, de modo direto – sem intermédio de um guia. Com isso, não se deve entender que não há

³⁸ Ibid. p. 210.

conhecimento indireto sobre o regulamento e a experiência lisérgica; porém, a faceta intersubjetiva – a “cultura da droga” – de constituição da experiência não é nenhuma garantia para o aprendizado de um usuário novato. As experiências de outras pessoas são fundamentais, sobretudo nos primeiros contatos com a substância. No entanto, o consenso especial é firmado e os termos do regulamento são instaurados de modo bilateral.

1.4. A instauração do regulamento lisérgico

Nesta seção, devemos discorrer brevemente sobre qual definição temos em mente quando usamos o termo “instauração” para indicar o estabelecimento do regulamento lisérgico enquanto um deslocamento de perspectiva relevante sobre a realidade do mundo.

A instauração do regulamento se dá tanto no momento da experiência do usuário com o LSD, quanto posteriormente à prática do uso. A legitimação da experiência ocorre apenas em um momento seguinte, haja vista que a relevância se prova diante das situações na vida do usuário. Ambos os movimentos se dão pela reestruturação de seu estoque de conhecimentos e de seus sistemas de relevância.

Em *Existências Mínimas*³⁹, David Lapoujade apresenta a visão do filósofo Étienne Souriau sobre o processo por intermédio do qual a existência diminuta da realidade de algo se intensifica. Em nosso estudo – o que ficará mais claro com as análises do capítulo 3 –, abordamos a formalização da perspectiva lisérgica sobre o mundo na forma da confluência do estado de consciência lisérgico com o estado de consciência ordinário que emerge do consenso especial firmado entre o aprendiz e o aliado. Souriau refere-se a essa intensificação por “anáfora”, significando a “determinação do ser como crescimento contínuo de realidade”⁴⁰. Nesse movimento, a lisérgia seria levada “dos cantos obscuros onde se encontra em estado de esboço até a luz lúcida do acabamento”⁴¹ e, portanto, se definindo enquanto um processo de intensificação. A esse respeito, Lapoujade escreve que:

A intensificação consiste ora em permanecer em um mesmo plano de existência, ora em reunir dois planos cujos modos de ser são radicalmente distintos. [...] O que a anáfora percorre e reduz é a distância que separa esses planos. Ela os reúne levando-os a um acabamento mútuo, assim como um escultor define os contornos de uma forma a partir de uma porção de argila, ao mesmo tempo em que, no outro plano, vai se definindo o projeto virtual do qual ele parte. [...] Cabe ao processo anafórico determiná-los um no outro, um pelo outro. A anáfora é o processo de “determinação de um ser” através de um “acréscimo

³⁹ LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

⁴⁰ Ibid. p. 75.

⁴¹ Ibid. p. 75.

contínuo de realidade” até que seja totalmente abolida – ou quase – a distância que os separa.⁴²

Na primeira parte de *A Erva do Diabo*, é essa a trama que se desenha na busca por se tornar um “homem de conhecimento”. Castañeda se vê obrigado por Don Juan a realizar diversas tarefas e rituais que supostamente o levariam a um estado de entendimento mútuo com seu aliado. Ao mesmo tempo que cabe ao aliado aceitar seu requerente, cabe ao aprendiz domesticar seu aliado na forma de um auxiliar na empreitada de se tornar um “homem de conhecimento”. Mais ou menos como um escultor precisa lidar com a argila, que não é nem será outra coisa senão argila. O processo anafórico equivale ao consenso especial que é firmado entre o aprendiz e o aliado. A partir desse consenso, como vimos na seção anterior, não só as partes entram em acordo e se comprometem diante do regulamento do aliado – que também não pode ser outra coisa senão o que é –, como os estados de consciência e suas respectivas realidades instauram a existência de uma realidade que se ergue da redução da distância que as separa.

Se anáfora designa o quanto uma existência ganha em realidade pela intensificação, a instauração designa o quanto essa existência ganha em “formalidade” e “solidez”:

Instaurar consiste em fixar a existência de um ser, assim como estabelecemos uma instituição, uma cerimônia ou um ritual. Criar é instituir ou formalizar. E formalizar é fazer passar para a existência a arquitetura envolvida no ser virtual, ainda no estado “implexo”; é desvelar a sua estrutura. [...] Nesse sentido, instaurar é estender “uma arquitetura que organiza, estrutura e, conseqüentemente, distingue os dados iniciais, em vez de deixá-los entrelaçados uns aos outros, e compenetrados sincreticamente; e essa arquitetura desenha nesse mundo muitas outras riquezas que não estavam ali inicialmente”. Através dessa distinção, as existências ganham, ao mesmo tempo, em extensão, em estruturação e em consistência, assim como um quadro, ao se desvelar, conquista o equilíbrio que mantém reunidas as cores e as linhas que o compõem. As existências adquirem uma armação formal que as institui ainda mais do que as constitui⁴³.

Do mesmo modo como Souriau argumenta que nada se cria por já estarem as condições materiais de uma existência dadas no mundo, entendemos que nada na experiência lisérgica emerge do nada, pois tudo provém da biografia daquele que se propõe à experimentar o ácido.

As suas experiências vividas e seus aprendizados estão armazenados no seu estoque de conhecimentos, e tudo aquilo o que julga importante está hierarquicamente organizado em seu sistema de relevâncias que representam um modo de existência. Portanto, quando argumentamos que o regulamento lisérgico se instaura, o fazemos nos mesmos termos que o fizeram Lapoujade e Souriau. As existências em jogo são as do usuário e as do LSD.

⁴² Ibid. p. 75-76.

⁴³ Ibid. p. 81-82.

Como esta pesquisa se orienta a partir da narrativa do usuário, dos termos que mobiliza para dar inteligibilidade a suas experiências, nossa perspectiva nos permite observar como – e em que grau – a existência do LSD como um aliado ganha relevância e deixa de ser ignorada. “O princípio formal governa a todas as formas da obra, até o último detalhe, e garante sua solidez”⁴⁴ e legitimidade. “Tudo se resume a isso: tornar-se real. E tornar-se real é tornar-se legítimo, é ver sua existência corroborada, consolidada no próprio ser”⁴⁵.

Ambos os processos de anáfora e instauração bem como a consequente legitimação da lisergia, poderão ser notados ao longo das análises elaboradas no capítulo três, uma vez que esse será o espaço deste trabalho que dedico para explorar e levar adiante a questão levantada por Becker, qual seja: justificar a prática para si próprio como desejável ou agradável, mas sem adentrar nos meandros da relação que o indivíduo tem com a droga. Com a perspectiva fenomenológica de Schutz sobre o mundo da vida, com esses conceitos engendrados por Souriau e os elementos de análise estrutural de Castañeda poderemos entender melhor essas relações, sobre como as experiências com LSD são capazes de influenciar a vida dos usuários adeptos da prática. Esperançosamente, também poderemos lançar alguma luz sobre as práticas de uso de outras substâncias à guisa de hipóteses a serem testadas futuramente dentro das ciências sociais. Talvez até sobre as que são alvo de práticas visivelmente problemáticas e abusivas, oferecendo algum amparo para os colegas que se dedicam à redução de riscos e danos.

⁴⁴ Ibid. p. 87.

⁴⁵ Ibid. p. 91.

Capítulo 2 – A Quinta do Doce: O LSD como pretexto e contexto

O contexto que idealizou essa pesquisa e me proveu interlocutores dispostos a falar sobre o que estava acontecendo ali e sobre suas próprias experiências foi um evento chamado Quinta do Doce. Ainda que eu tenha chegado a frequentar dois encontros, o fiz já fora de seu auge – relatos indicam que ocorreram ao menos sete edições do encontro. Por isso, são indispensáveis as narrativas dos frequentadores no esforço de reconstituir uma imagem do que foi esse evento e como ele dá a ver questões que tocam esta pesquisa. Nesse sentido, começarei por apresentar a perspectiva do anfitrião sobre o encontro e, em seguida, contraste com a visão que os demais participantes formaram do evento. Além da proposta e intenção originais do anfitrião se chocarem, em parte, com as percepções dos convidados e com o que de fato ocorria naquele espaço, veremos que os usuários compartilhavam boa parte dos valores e ideias que conferiram à Quinta do Doce sua reputação enquanto *rendez-vous* psicodélico representativo de certa parcela dos jovens soteropolitanos de classe média que então se achavam frequentando o circuito alternativo da Salvador.

A maioria dos participantes foi estudante de colégios tradicionais da cidade – fator que favoreceu, direta ou indiretamente, o estabelecimento das relações. Essas pessoas frequentavam os mesmos espaços da cidade, estudavam na mesma universidade, iam para as mesmas festas e, mesmo que não fossem amigos, sabiam quem cada um era – por terem estudado nos mesmos colégios ou terem amigos em comum. Alguns dos participantes, inclusive, podem ser classificados como figuras populares desse circuito por serem integrantes de uma das bandas mais conhecidas do circuito alternativo da cidade. Com isso, não pretendo argumentar que a Quinta do Doce era de conhecimento amplo dos estratos médios da cidade, mas sim sugerir que seus participantes faziam parte do que poderíamos chamar de uma “elite” psiconauta de sua geração. Os psiconautas são aquelas pessoas que exploram “o sabor, a textura, a cor e toda a qualidade íntima dessa gigantesca mudança”⁴⁶ desencadeada pela ingestão de substâncias psicodélicas, motivados pela curiosidade de conhecer os meandros da experiência. Essa “elite”, por acaso, realizava esse evento num formato muito similar em estrutura aos realizados nas décadas de 1960 e 1970 pelos adeptos da prática de uso de LSD.

Há muita divergência sobre de onde surgiu a ideia do encontro. Tiago, o anfitrião, diz que dois de seus amigos vieram com essa ideia de tomar ácido na quinta-feira, já que não tinham aula às sextas-feiras. Com a sexta-feira livre de compromissos, podiam aproveitar a noite de quinta da “melhor” maneira possível. Criaram um grupo no WhatsApp e chamaram o evento de Quinta do Doce em referência literal ao fato de que tomariam LSD na quinta-feira. A princípio, seria uma

⁴⁶ RIBEIRO, Sidarta. apud. LEITE, Marcelo. op. cit. p. 11.

reunião como as que já aconteciam de forma não-sistemática; mas esta, em especial, buscava seguir a proposta de acontecer nesses termos. A Quinta do Doce foi concebida por Tiago, portanto, como um momento ritual de conexão e reconhecimento mútuo de que estavam juntos em uma espécie de “busca espiritual”:

Sinto que [a Quinta do Doce] foi o momento de uma formalização mais clara do que era esse encontro, que às vezes, não tinha exatamente um nome, só acontecia. Antes da Quinta do Doce existir, com outros amigos, a gente só falava “bora tomar um doce nesse sábado” e aí a gente ia e tal. Sempre teve um momento muito mais ritualizado do que a maconha, por exemplo, que tem gente que fuma quase todo dia. O doce tinha uma coisa mais programada, uma coisa mais de “pô, vou me preparar pra esse dia”. Porque o doce tira uma estabilidade sua. A Quinta do Doce pra mim foi isso. Foi um momento muito ritualizado, que eu gostei muito dessa proposta, cada vez mais ritualizada, né? Até a última Quinta do Doce, a penúltima, eu até tinha organizado muita coisa, tinha feito toda uma proposta, de as pessoas colocarem os vídeos que quisessem mostrar, que fosse intenso pra elas.

Tiago e mais dois ou três amigos – aos quais ele se referia por “cabeças da Quinta do Doce” – elaboravam uma espécie de roteiro para o dia. Selecionavam material audiovisual, como vídeos, músicas e jogos, e preparavam o ambiente para receber algo em torno de 15 pessoas que logo mais estariam com seu estado de consciência alterado. Tudo era feito de modo a facilitar ou azeitá-la a experiência, livrando os usuários de preocupações desnecessárias que pudessem desestabilizá-los e, assim, propiciando uma oportunidade para que a intensificação perceptiva da lisergia fizesse seu trabalho, liberando todos e possibilitando que aprofundassem-se em si mesmos e conectassem-se com os demais.

Outros participantes, como Isabela, viam o evento como “fruto da maluquice mesmo, da vontade de se drogar”, que aos poucos ganhara forma como uma “coisa mais fraterna, de família”, dado que o evento reunia sempre as mesmas pessoas e amigos de amigos que também eram acolhidos sem hesitação. Já Miguel acredita que a Quinta do Doce foi uma evolução dos *regs* que esse mesmo grupo de amigos já fazia – concordando nesse ponto com Tiago –, salvo que nesse *reg* específico, de caráter lisérgico, havia a proposta e a expectativa de que todos os presentes usariam LSD em prol do mesmo propósito. Como todos eram amigos e todos se gostavam, por que não usar ácido juntos para se divertir e “resenhar”? Nessa direção, Cláudio salienta que Tiago era um cara muito receptivo que morava em uma casa muito espaçosa e que sua mãe viajava muito à trabalho – e não se incomodava com as festas do filho. Já era um hábito de Tiago receber vários amigos em casa para beber ou fumar um baseado enquanto trocavam ideias, ouviam músicas, assistiam a um filme ou série, jogavam videogame ou qualquer outra coisa do tipo. Há quem diga, também, que a ideia surgiu da confluência de interesse de alguns que queriam usar o LSD pela primeira vez e de outros que queriam usar junto com esses amigos, e a casa de Tiago era o espaço ideal para tal reunião. Uma

dessas pessoas foi Clara – nessa noite, estava no Rio Vermelho com alguns amigos que também eram amigos de Tiago –, que ouviu a conversa de relance e perguntou se podia ir. E para lá ela foi.

A sede da Quinta do Doce era um apartamento duplex na cobertura de um prédio com vista para o mar, em um bairro nobre da capital baiana. No primeiro andar, ficavam a sala, a cozinha e os quartos, que estavam fora dos limites do evento – salvo qualquer ocasião especial ou necessidade de visitar a cozinha para buscar água quando acabava no andar de cima. A imagem era de uma típica “casa dos meus pais” dos jovens de classe média. A escada em espiral levava a uma pequena sala que funcionava como um hall; à esquerda, havia uma porta de correr de vidro que se estendia até a parede de trás da escada por uma janela, que dava acesso à varanda; à direita, havia uma porta para a sala de TV, e ao final dessa mesma parede havia um banheiro – por isso não era necessário deixar o segundo andar com frequência e, geralmente, só Tiago, sua namorada à época, ou amigos mais próximos, o faziam.

Na varanda, havia uma área “gourmet” coberta, com pia e geladeira, ocupada por uma mesa de vidro redonda, relativamente grande e cercada por cadeiras. Fora da área gourmet, havia uma área descoberta, iluminada em penumbra, com algumas plantas, acesso ao parapeito e alguns degraus que davam em um *deck* elevado com piscina, onde haviam mais duas mesas com cadeiras. Tiago permitia fumar apenas do lado de fora, e somado ao fato de ser um ambiente muito agradável, costumava estar sempre cheio de gente.

Na sala de TV, havia um grande sofá, virado para uma TV e, entre eles, um tapete felpudo retangular marrom muito agradável ao toque. A sala ficava sempre iluminada por luzes quentes nos cantos das paredes, ou apenas LEDs coloridos que contornavam a sala como sancas. Era um espaço fechado e climatizado, muito aconchegante, dedicado a assistir clipes musicais no YouTube, episódios de séries ou filmes. Ao fundo dessa sala, havia uma outra porta que levava a uma outra sala, um pouco mais iluminada, comprida e estreita, dedicada à “jogatina”. Lá estavam um videogame e um computador, e era o lugar para quem queria passar o tempo jogando. Em uma das duas vezes em que estive presente, Tiago ganhara de sua namorada um mini projetor; transformou um dos quartos do primeiro andar numa sala de projeção para jogos que tinham uma proposta de imersão audiovisual.

Assim como Tiago, seus amigos se interessavam pela estética psicodélica, e esta acabava orientando os diversos temas do encontro. As músicas que tocavam eram de natureza psicodélica, os itens de decoração espalhados pela sala de TV eram também considerados psicodélicos⁴⁷. Várias

⁴⁷ A estética psicodélica não se define por si mesma. Ela se estrutura por aspectos inefáveis e pela incorporação de diversos elementos provenientes de outros movimentos artísticos que, combinados de maneira específica e potencialmente inefável, remetem às sensações – físicas, auditivas e visuais – proporcionadas pelas substâncias psicodélicas. Podemos citar sinestesia, efeitos audiovisuais progressivos como *overlay*, *delay* e *reverb*, traços

folhas de papel A4 que retratavam telas produzidas por um dos amigos de Tiago, todas elas de inspiração psicodélica, eram colocadas na sala, sendo visualmente impactadas pelas luzes de LED. Os jogos na sala de “jogatina” vinham de um nicho mais *underground*, com tramas mais reflexivas e com grande potencial de imersão audiovisual. Esse era o espaço onde acontecia a Quinta do Doce. Além de amplo e diversificado, seus ambientes eram decorados e organizados, pensando-se sempre no tipo de experiência que eles poderiam ou não proporcionar. Se um de seus atributos principais era acontecer na casa de um amigo, e esse amigo se encarregava de criar o cenário das experiências lisérgicas que atraíam todos naquela ocasião.

De um modo geral, a Quinta do Doce era percebida pelos participantes como um movimento em torno do qual amigos e amigos de amigos se reuniam para usar LSD e curtirem a experiência juntos, sempre que possível às quintas-feiras, na casa de um amigo. O fato de ser frequentado apenas por pessoas minimamente “confiáveis”, do mesmo circuito de amizades, garantia ao encontro certo grau de previsibilidade que se convertia em uma sensação de segurança. O evento configurava-se coletivamente no sentido de que, apesar do fato de haverem uma intenção e proposta originais, dependia em grande parte do interesse e engajamento dos presentes na experiência lisérgica. Em seu relato, Isabela conta que todos costumam usar a mesma quantidade de um mesmo LSD⁴⁸, de modo a propiciar uma *onda* compartilhada e similar; isto é, tratava-se de uma estratégia para que todos estejam sob os mesmos efeitos, sentido coisas parecidas, na mesma *vibe*. Não só Isabela, mas também Luana vê muito valor nisso. Ela diz, por exemplo, que sentia uma atmosfera de muita união, “da galera realmente querer se reunir para gastar onda junto, em um lugar extremamente confortável e seguro”. E segue:

Acho que era justamente isso, uma experiência alucinógena, em grupo, com pessoas divertidas, onde você pudesse ter uma boa onda, para que você se sentisse bem ali, em grupo. É isso, é a parte recreativa do LSD, de você conseguir estar com pessoas que te agradam, que te fazem rir, num ambiente confortável, tudo proporcionado para a onda do LSD ser agradável. É isso basicamente.

Isabela vê o ambiente como de muita parceria e cuidado, tudo organizado e todos colaborando para que tudo dê certo. Uma preocupação com o cuidado mútuo e a segurança, desde já, aparecem como basilares para a estabilidade do *setting*. A casa é organizada para receber o evento e algumas regras são estabelecidas para que “não acabem com a casa” e a estabilidade do

artísticos surrealistas e impressionistas e inspirações orientais.

⁴⁸ O LSD é fabricado em laboratórios clandestinos e geralmente são importados para o Brasil. Esses laboratórios criam seus próprios produtos e, por alguma especificidade química – talvez relacionada à extração e produção da dietilamida do ácido lisérgico –, eles costumam provocar efeitos ligeiramente diferentes. Quando Isabela fala em “tomar o mesmo doce”, ela quer dizer que os doces são os mesmos, que eles vêm juntos até serem destacados um dos outros pelos usuários.

setting seja preservada. Essa organização é tida como responsabilidade do anfitrião; mas é espontaneamente compartilhada por mais alguns dos usuários mais experientes e mais próximos de Tiago. Essa proposta impactava bastante a expectativa que os “amigos dos amigos” – e, com isso, me refiro às pessoas não conhecidas por todos – tinham do evento e recebia um reforço positivo após participar pela primeira vez, como é o caso de Clara:

Eu senti muito que tinha um acolhimento. Por eu ser uma [pessoa] que veio de fora, eu não sabia nem se todo mundo ali era próximo desde o colégio. Mas eu senti que era um lugar que pessoas podiam ser elas mesmas, e ficar doídonas sendo elas mesmas. Não tinha discriminação, a gente podia falar de qualquer coisa. A casa de Tiago é um lugar muito tranquilo também, então, não sei... Era um evento... eu nunca tinha pensado nessa perspectiva de ser um evento, eu pensava mais em ser um momento. Você ficava ansiosa até chegar a quinta-feira.

Com base nesses valores e protocolos, o evento foi ganhando novas proporções, chegando a reunir mais de 20 pessoas, crescendo pela conexão que se estabelecia entre os presentes a partir de um nível de intimidade próprio que não é percebido como alcançável sem o auxílio do LSD. O evento buscava proporcionar uma “sociabilidade lisérgica” em um ambiente tranquilo e seguro, com pessoas conhecidas com quem se poderia interagir e “compartilhar conhecimentos, momentos, dar risada, de repente falar sobre o que se tem feito da vida, conhecer outras pessoas e coisas do tipo”, como disse Cláudio. Com a diferença que essas trocas comuns em qualquer festa ou encontro de amigos estaria perpassada pelo estado lisérgico. O próprio Tiago sentia que o LSD trazia uma mediação que instituía maior intimidade entre os presentes:

Sinto que trazia uma conexão, das pessoas estarem sobre o mesmo efeito – pelo menos uma tentativa desse momento. Eu acredito que trazia uma permissão da pessoa poder se entregar para as suas sensações e poder conversar sobre elas. Teve momentos que a gente conseguiu conversar muito sobre muita coisa profunda, foi muito legal, e com certeza o doce foi um grande mediador disso. Questões muito existenciais de cada um, eu percebo muito isso acontecendo.

Isabela fala sobre um ganho em profundidade nas conversas, o que chamou de “afloramento” de sua percepção, que fazia com que praticamente tudo sobre o que se falava fosse mais aprofundado. Somado a isso, lembra que a aceleração do fluxo de pensamentos proporcionada pelo ácido se manifesta coletivamente na interação e contribui para deixar tudo mais interessante.

A sociabilidade em contexto lisérgico assim se consolidava como um dos atrativos da Quinta do Doce, que conseguia se expandir para além da mera experimentação de efeitos de uma substância. Acima de qualquer outra coisa, as pessoas estavam interagindo, se conhecendo e

fortalecendo vínculos. No limite, estavam vivendo uma experiência juntas e criando memórias que se gravavam com grande intensidade por conta do estado de consciência alterado pelo LSD.

É muito interessante notar que apesar do que acabei de descrever, os participantes, em sua maioria, não entendiam que o LSD estava desempenhando um papel fundamental, insubstituível, ou até mais relevante que o encontro em si. Fazia muito mais sentido pensar que a Quinta do Doce, enquanto um encontro, e o LSD, enquanto uma droga, exerciam, entre si, uma influência mútua. Sobre isso, Isabela pensa justamente que: “[...] é um pouco dos dois, na verdade. É porque com o LSD você fica mais aflorado, então abre espaço pra essas relações se aprofundarem. Mas o espaço também favorece”.

Luana segue na mesma linha de pensamento, pesando a balança mais para o lado do LSD:

Eu acho muito grande a relevância porque, querendo ou não, em uma onda de doce você entra muito num rolê muito profundo, acredito que a conexão com as pessoas se torna muito mais propícia, a intensidade do rolê mesmo, a quantidade de tempo que você passa, as experiências que você vive em apenas uma onda. E não acredito que outras drogas... não visualizo outras drogas tão fortes assim quanto o LSD, tão profunda. Ao mesmo tempo que eu vejo o LSD como algo muito recreativo, eu também vejo como algo muito profundo. E para a Quinta do Doce como uma reunião de amigos, acho que seria a droga que mais encaixaria, não consigo pensar em outra aqui. Porque álcool se torna uma coisa muito banal, muito eventual, e o doce é algo mais expansivo e ao mesmo tempo mais raro, não sei. É mais raro uma reunião tão grande de pessoas. E o que propiciou muito isso foi a casa de Tiago.

Dissonando um pouco do grupo, Miguel, enxerga a relevância do LSD para o evento como “mínima”:

Mínima. Mínima, mínima, mínima. Porque só toma quem quer, só toma quem se sente a vontade de tomar... Relevância muito mínima, já que é possível ser muito verdadeiro e estar muito à vontade estando sóbrio também. [...] Tendo ou não tendo LSD era divertido, era amigável, era amistoso, era super bom de estar com as pessoas ali... era perfeito. O LSD era apenas um detalhe que todos tinham em comum, mas não necessariamente obrigados a ter.

Mas, como forma de resolver a distribuição da relevância, eu gostaria de fazer uma última citação. Creio que a fala de Cláudio consegue elaborar bem o caminho tomado em nossa análise:

Eu diria que um pouco dos dois. Porque, querendo ou não, o LSD partilha aquela coisa de “ambos estamos aqui sobre influencia da mesma substância”, então, em certos momentos vem aquela curiosidade de compartilhar um pensamento ou o que você tá sentindo e vê onde aquilo pode levar, ou como a pessoa tá se sentindo com relação àquela mesma coisa sob o efeito da mesma substância, mas pode ter uma perspectiva diferente. Nesse caso, o LSD influencia muito, mas ao mesmo tempo a Quinta do Doce em si também influencia muito porque é o contexto, o pretexto e o contexto pelo qual estamos ali. Então, só por estarmos partilhando aquele espaço, eu acho que já influencia. Eu não sei dizer se eu atribuiria mais a

um ou ao outro. Eu acho que talvez mais ao LSD do que a Quinta do Doce pelo fato de que as emoções e os pensamentos ficam muito aflorados e sensíveis quando você tá sob o estado de consciência alterado pelo LSD. Então, eu acho que se a gente pudesse construir uma mesma conversa sem a presença do LSD, ela talvez poderia ser uma conversa mais irrelevante. Essa capacidade de sentir aquilo com uma intensidade maior faz com que a gente signifique aquilo de uma forma mais intensa, e guarde com a gente de uma forma mais intensa. Eu acho que as duas coisas influenciam bastante, mas se eu fosse “dar um tira pino” eu acho que o LSD influencia mais que a Quinta do Doce em si. Acho que a gente poderia fazer outras Quintas do Doce em outros locais, ou até outros encontros com o LSD que não tivessem o nome de Quinta do Doce e eles poderiam ser tão relevantes quanto. No entanto, eu acho que se a gente tivesse encontros com o mesmo contexto, com as mesmas pessoas, no mesmo ambiente, sem a presença do LSD, eu acho que o panorama seria bem diferente pra todo mundo.

Como sugeriu Cláudio, a Quinta do Doce é o pretexto e o contexto que congrega todos naquela ocasião. Contudo, o LSD é de tal modo inseparável de toda a ideia por trás do encontro, que é a experimentação da sociabilidade em contexto lisérgico. A Quinta do Doce sem doce não poderia ser o que ela se propõe a ser, por mais que os laços criados e/ou fortalecidos pudessem ser costurados em outros contextos, com o auxílio de outras substâncias ou, até mesmo, sem qualquer nível de alteração perceptiva. A chave para a compreensão dessa relação encontra-se nos modos da interação dentro do “ecossistema lisérgico”, definido por Cláudio nos termos de uma drástica mudança na “forma como você interage socialmente, mas principalmente como você sente, percebe e reage a situações que se apresentam diante de você” quando sob o estado lisérgico de consciência.

Podemos dizer que a ideia de um “ecossistema lisérgico” fundamenta a concepção original pensada por Tiago do que poderia ou deveria ser o evento que organizava e planejava. Porém, sua frustração com o que a Quinta do Doce se tornou consegue explicar em parte a contradição a que chegou e o seu inevitável fim – ao lado no natural fluxo da vida que aproxima e afasta pessoas quando essas precisam se ocupar de seus afazeres.

Tiago então começara a notar que, à medida que o encontro crescia e recebia mais pessoas, o seu objetivo se distanciava daquele pensado na origem dos encontros. Mesmo dentro do ecossistema lisérgico, o potencial “espiritual” do ácido parecia ceder lugar a seu aspecto mais recreativo e menos experiencial. Enxergava mais superficialidade nas interações e nas conversas do que estava disposto a aturar como anfitrião, e sentia que aquelas pessoas estavam ali apenas para “se drogar”. Tomavam o *doce* e conversavam sobre os diferentes *doces* que já tomaram, fumavam maconha e debatiam sobre como diferentes tipos de maconha *batiam* de forma diversa em cada um deles. Ele conta, ainda, que, em uma das edições, essa “metalinguagem” o deixou muito triste:

A narrativa dada era de que era um momento pra se aprofundar em si, um momento pra nos conectarmos, pra gente sentir uns aos outros, ficar viajando juntos. Mas muitos só queriam ir e tomar um doce, e aí ficar conversando sobre qualquer coisa, não sentia a intenção, eram

pessoas que não tinham uma intenção clara, dada, era só ficar doido mesmo. [...] Eu senti que eu que fiz isso tudo, e que foi muito difícil. Eu não senti que as outras pessoas estavam tão imersas nisso como eu estava, porque eu realmente queria trazer uma formalização, uma intensificação pra esse momento, que fosse um ritual mesmo, da gente, compartilhando coisas que gostávamos. E aí aos pouco eu fui percebendo que era muita projeção minha, tava projetando muita coisa, que na verdade, muita gente que tava lá – porque a Quinta do Doce cresceu muito com o tempo – era muito, muito superficial também, não tinha esse interesse, tinha o interesse de ficar doidão. Às vezes, ela podia até gostar, se acontecesse esse momento, mas ela não faria questão alguma que acontecesse isso. Pra ela só tomar um doce, fumar maconha, e ficar na varanda olhando o mar; ou então, bebendo depois e ficar falando sobre tipos de maconha diferentes e como uma maconha bate diferente da outra. Teve encontros que eu ia pra roda da pessoa, só falava isso, eu ficava “meu deus, velho, vamos conversar sobre outra coisa”. Era uma metalinguagem: “eu fumei maconha e vou falar sobre como maconha bate”. Mas ela [a pessoa] não fala sobre nada além disso; e isso me incomodava muito, e me incomoda ainda. Uma questão que eu sei que é minha, mas a pessoa estava na minha casa, numa proposta que eu queria que fosse diferente, então isso me incomodou profundamente. [...] Eu tenho a parte de que eu não compartilhei tanto essa minha ideia, eu achei que as pessoas iam entrar naturalmente. Enfim, eu fiquei chateado, porque eu esperava mais. Pra mim a Quinta do Doce foi um lugar de muito potencial pra profundidade e muito potencial para se perder na droga.

Ao que se faz notar, o admirável mundo novo da lisergia nada tinha de novo. E as portas da percepção abertas pelo ecossistema lisérgico nada podiam contra a coexistência do céu e do inferno. Nas análises que se seguem, veremos que o potencial para explorar aspectos da vida com profundidade é possível, mas não ocorre sem que haja uma intenção ou propósito atravessando essa experiência, como discutimos no primeiro capítulo.

Capítulo 3 – As estruturas da experiência lisérgica

3.1. Abertura para si e expansão do Eu

Luana estava muito nervosa quando tomou seu primeiro LSD na Quinta do Doce, pois apenas tinha ouvido falar sobre o ácido e não sabia exatamente o que esperar. No entanto, seu nervosismo se desfez em divertimento ao longo das horas seguintes. Tomou um quarto de um *papel* e não considerou a experiência muito disruptiva, porém forte o suficiente para sentir alguns dos efeitos lisérgicos. Gostou muito! A primeira viagem lhe serviu, principalmente, para desconstruir alguns mitos que havia internalizado a respeito da substância. Se esperava ver-se “muito doida, transtornada, fora de [si]”, viu que não era bem por aí que se desenrolava a experiência. Teve uma viagem estável; na verdade, conseguiu manter-se estável apesar do medo de ter uma *badtrip* – porque já tinha ouvido falar sobre *badtrips* e estava ciente de que era algo que poderia acontecer.

Nessa oportunidade, sentiu-se muito confortável com o doce, e esse bem-estar do primeiro contato com o ácido começou a construir a confiança que pautaria a sua relação com o aliado. Diz que foi uma sensação de tranquilidade que se “estigmatizou” desde a primeira *viagem*, tranquilidade que se firmou como uma sensação de confiança com a droga nas experiências seguintes, até o ponto de não mais temer a instabilidade e imprevisibilidade do deslocamento lisérgico. Assim, pondo em perspectiva sua própria experiência inicial, considera que sua relação com o aliado se define muito a partir de um equilíbrio que traduz essa sensação de tranquilidade.

Na sua visão, os estados de consciência lisérgico e ordinário distinguem-se a partir da especificidade do modo através do qual se estabelece um contato muito intenso e íntimo⁴⁹ consigo mesma, muito mais intenso do que seria possível alcançar “naturalmente”, isto é, sóbria. Essa especificidade do *modus operandi* lisérgico que se instaura permite que uma maior quantidade de dados sensíveis do mundo alcance-a sem sofrer qualquer tipo de “filtragem”. A exemplo de quando estamos em um cômodo escuro e acendemos uma lâmpada branca, “naturalmente” reagiríamos apertando ou fechando as pálpebras na tentativa de evitar o desconforto do ofuscamento, e sem impedimento podemos reagir dessa forma. Seria como se imaginássemos a intensidade lisérgica impedindo qualquer reação das pálpebras, permitindo que toda a “luz” chegue aos olhos sem que seja possível suavizá-la. De modo que a única forma de não receber os dados sensíveis do mundo – ou a “luz” – seria não se expondo ao mundo. Entretanto, os dados sensíveis do mundo não se irradiam de uma lâmpada; simplesmente não podemos abandonar a condição exposta e de relativa abertura que ocupamos no mundo. Mas podemos alterá-la.

⁴⁹ O caráter intimista da lisergia também será explorado na seção 3.2.

Desse ponto de vista, o que o LSD faz é alterar nosso modo de estar no mundo. É justamente essa alteração que leva Luana a ter uma percepção expandida de si mesma. Por vezes, são sensações que podem oferecer certas dificuldades de manejo – ela refere-se a um estado de relativa confusão mental –, havendo momentos nos quais a quantidade de informação afluente ultrapassa sua capacidade de assimilação, de maneira que desenvolver essa capacidade exige, invariavelmente, um processo de aprendizado, acerca do qual trataremos mais adiante.

Nesse sentido, seu regulamento lisérgico se instaura em termos do que chama de “*abertura de campo*” perceptivo e “*expansão do eu*”. Contudo, a confluência destes dois termos depende exclusivamente de uma configuração tal entre a dose administrada e o ambiente no qual se dá a experiência que, em outras palavras: as inúmeras possibilidades de interação dentre estes dois termos depende rigorosamente da ocasião de uso; pois considerando que as experiências com LSD podem ser muito diferentes entre si e “apesar de terem similaridades”, é importante não perder de vista que “cada uma [experiência] dá uma abertura a um processo diferente e a uma sensação diferente no corpo”. Isto é dizer, são diversas as possíveis configurações de *aberturas de campo* e *expansões de si*.

Acerca dessas possibilidades de configuração, quando compara o uso do ácido com o de outras substâncias, Luana acredita que ele “é muito recreativo, mas também não é tão *gastação de onda*⁵⁰”, e por isso entende como indispensável ter-se sempre uma intenção que oriente o uso. Isto é, se o regulamento lisérgico se expressa aqui numa configuração de graus de *abertura* perceptiva e intensidades de *expansão de si*, é de fundamental importância ter em mente que: independente da intenção, justificativa ou propósito dado ao uso, a experiência trará, invariavelmente, mudanças de perspectiva que podem ocorrer (1) de forma isolada e breve em momentos específicos da *onda*, ou (2) de forma integrada e perene à onda; e por essas configurações não serem previsíveis nem controláveis, o aliado “não vai te deixar 100% tranquilo”. Por isso a necessidade de aprender a lidar com o regulamento lisérgico e ser capaz de criar uma estabilidade pautada por equilíbrio e tranquilidade – equilíbrio e tranquilidade que nada mais são que manifestações de *frugalidade* no lido com o aliado. Sobre o aliado não “deixar 100% tranquilo”, é interessante prestar atenção quando Luana diz que a diferença entre o LSD e o MDMA lhe é absurda – referindo-se ao *modus operandi* das substâncias –, sente que o MDMA te deixa mais *em-si*, ao mesmo tempo que *não-dentro-de-si*; já o LSD traz uma sensação de se estar-não-fisicamente-dentro-do-próprio-corpo⁵¹.

⁵⁰ “Gastar de onda” significa se divertir.

⁵¹ “Eu sinto que o Ecstasy te deixa mais em si, mas ao mesmo tempo não dentro de si. E o LSD te deixa não-físico mas dentro do seu corpo”.

Antes de esclarecermos a percepção dos *modus operandi*, atentemos para o ponto de partida que nos permitirá distinguir, aqui, o regulamento lisérgico do estado de consciência ordinário com base nos termos encontrados na experiência em análise: (1) temos a sensação de deslocamento de si-mesmo como parte do novo estado de *abertura de si* para o mundo e de seus efeitos perceptivos na consciência, e (2) a *expansão do eu* como sensação corpórea de integração (ou indiferenciação) com o mundo.

No que tange às sensações provocadas pelo MDMA, o leitor deve voltar sua atenção para a distinção que há entre “em-si” e “dentro-de-si”. “Em-si” comunica o estado de atenção de quem está refletidamente consciente de si-mesmo, ao passo que o “dentro-de-si” comunica a sensação mais propriamente física proporcionada pela droga. Podemos dizer que o MDMA desloca seu referencial egoico para fora do próprio corpo (“não-dentro-de-si”) e instaura um maior grau de consciência refletida de si-mesma (“em-si”), proporcionando uma experiência onde as sensações se expandem para além dos limites do próprio corpo, mas sem que com isso se estabeleça uma indiferenciação ontológica⁵² com o mundo⁵³, pois se está mais “em-si”. Nessa configuração, temos um regulamento mais estável e previsível, uma vez que se estando mais “em-si”, está menos imersa no fluxo de consciência e tem maior controle e clarividência sobre seu fluxo de pensamentos. E não à toa, Luana elege o MDMA como uma droga que pode ser usada mais facilmente em diversas situações.

Quanto ao LSD, a sensação de estar-não-fisicamente-dentro-do-próprio-corpo alude à especificidade do deslocamento lisérgico: íntima e intensa. Com o ácido, a sensação de deslocamento de si-mesma se instaura mais como uma sensação de indiferenciação de si-mesma com o mundo. Nessa medida, mesmo não havendo um deslocamento do referencial egoico, a lisergia impõe um estado de intensa integração e indiferenciação ontológica com o mundo. Essa sensação experimentada com a droga traz a percepção de unicidade com um mundo que se confunde com o si-mesmo, que é vivido como a mesma coisa que se é. Nesse estado de indiferenciação a *abertura de si* manifesta-se também como uma *abertura para si* e, portanto, de caráter intimista. A sensação de unicidade, por sua vez, ao amalgamar o si-mesmo com o mundo, enfraquece a consciência refletida de si-mesmo enquanto referencial egoico. Essa experiência, assim, instável e imprevisível, imerge-a no seu próprio fluxo de consciência de tal modo que se torna difícil sequer acompanhar o fluxo de pensamentos e sensações sem confundir-se e identificar-se com o mundo.

Luana diz ser possível tomar um *doce* em qualquer lugar, tanto que muita gente o faz, diz. Porém, esse não é o seu caso. Sua preferência privilegia o grau de segurança necessário para garantir

⁵² Indiferenciação relativa ao que entende que seria definidor de seu próprio ser e o ser das coisas.

⁵³ Ou sem que com isso se estabeleça um grau elevado de integração/indiferenciação ontológica no mundo.

estabilidade à experiência, podendo assim lidar com o regulamento lisérgico com a tranquilidade que lhe é indispensável nessa prática. Todas as vezes que fez uso de LSD estava em lugares que considerara “confortáveis” e “seguros”, e acompanhada de pessoas de quem gostava e em quem depositava confiança. Cada um é capaz de responsabilizar-se por si mesmo, acredita, de avaliar em quais ambientes deseja tomar o ácido e se seriam ambientes seguros. Desde que se tenha responsabilidade e consciência dos impactos que o deslocamento lisérgico pode provocar no ecossistema lisérgico, entende que “qualquer lugar é lugar” para usar. Vale ressaltar que essa ideia se coaduna com o que pudemos notar a partir da descrição acerca da *abertura de campo e expansão do eu*: uma situação de uso diferente trará uma experiência diferente, são diversas as possíveis configurações de *aberturas de campo e expansões de si*. Luana não sabe dizer se o uso de LSD em situações instáveis é uma opção saudável ou segura a se fazer, mas não deslegitima a prática em seu discurso, e por isso não podemos deixar de notar que reconhece que a diversificação do *setting*, ao proporcionar diferentes configurações do regulamento lisérgico na experiência pode atender à busca dos que perfazem tal escolha.

Luana gosta de ter suas experiências preferencialmente em meio à natureza. Para ela trata-se de uma “combinação perfeita”, o que ilustra muito bem os termos de seu regulamento: são nessas ocasiões que encontra o equilíbrio entre *abertura de si e expansão do eu* que lhe satisfazem. Usar em viagens é o que mais lhe agrada, seja em lugares de praia, florestas ou rios; mas pode ser também tomar na casa de um amigo, pois considera a lisergia pode proporcionar bons momentos de interação entre pessoas queridas. Diz nunca ter tomado LSD num lugar que não lhe parecesse propício ao uso. Todas as vezes que usou foi em ambientes estáveis (segundo seus parâmetros): na Quinta do Doce ou em viagens. É de se destacar que ela não usa em festas *rave*. Em *raves* prefere usar MDMA porque considera que é uma substância que a deixa mais “em si” e “no seu corpo” – nos termos que exploramos acima. O lugar mais conturbado onde já usou LSD foi no Festival de música eletrônica Universo Paralello. Apesar de ser um evento de música eletrônica do tipo *rave*, o UP é o que se costuma chamar de “festival de música eletrônica, cultura e arte”, costuma ser considerado “mais do que uma *rave*”, uma vez que uma *rave* geralmente limita-se a ter como único atrativo a música eletrônica.⁵⁴ Luana explica que dentro da estrutura de um festival é possível “escapar” dos espaços mais movimentados e barulhentos. Lembra que em um dos dias de festival

⁵⁴ Ao lado do UP, existem o Boom Festival e o Ozora Festival, ambos realizados no continente europeu. Para termos uma ideia da estrutura de um festival e entendermos porque Luana não considera um Festival uma *rave*, na 20ª edição (2019-2020) desse Festival existiam 8 palcos oficiais (entre eles um palco para bandas), pelo menos 5 palcos independentes (produzidos por terceiros, uma vez que o UP apenas autorizava o uso do espaço), 1 exposição de arte (para além das instalações espalhadas pelo evento), oficinas de acroyoga, malabares e meditação, 2 praças de alimentação, cozinha comunitária, estrutura de camping própria do evento e espaço para camping, estrutura de chuveiros e banheiros, estacionamento privativo, pronto socorro e segurança privada; tudo isso distribuído ao longo de alguns quilômetros da Praia de Pratigi durante 8 dias de evento.

tomou um *doce* no palco principal com seus amigos, ficou “muito desnorteada, com muita informação na minha cabeça, e a parte que a gente tava na praia foi perfeita pra mim, sabe?”. O que lhe permitiu usar LSD no Festival foi ter como alternativa trocar de ambiente, sair de um lugar “conturbado” para um lugar mais calmo, uma praia que estava logo ali há alguns minutos de caminhada, e justamente um dos seus espaços favoritos para ter experiências lisérgicas.

Refletindo sobre sua carreira lisérgica, Luana julga saber “controlar muito bem o [seu]⁵⁵ mal-estar”. O mal-estar sendo o mesmo ao qual nos referimos nas páginas anteriores: o possível estado de relativa confusão decorrente do quanto de *abertura de si* e *expansão do eu* foram instaurados pelo deslocamento lisérgico. Se sentir-se “*apertada*”⁵⁶ em algum momento, por qualquer motivo que seja, consegue controlar-se e estabilizar-se. Se já teve “*bads*”, nunca teve uma “onda *bad*”, isto é, seu mal-estar sempre se deu de modo momentâneo, nunca perpétuo ao longo de toda a duração da experiência. Suas *ondas* costumam ser “divertidas”, mas, ao mesmo tempo, não diria que se “sente bem” ao longo de todo o período de lisergia. Nunca teve uma *onda* 100% “limpa”, pois sempre surge alguma preocupação pessoal, ou algum desconforto situacional surgido ali no setting da experiência.

Sua capacidade de autocontrole no regulamento lisérgico provém de um processo de aprendizado com o aliado – do mesmo modo como vimos ao discutir Becker, no Capítulo 2 deste trabalho. Acredita que ter iniciado sua carreira lisérgica já estando mais velha, já estando mais “avançada” e inserida na prática de uso de drogas em geral, contribuiu para o amadurecimento dessa capacidade. Para além de aprender a técnica de uso e aprender reconhecer os efeitos e o *modus operandi* da lisergia, ter de antemão certo nível de autoconhecimento é, sem dúvida, um diferencial relevante para o manejo bem-sucedido de qualquer estado de consciência alterado. Porque ser um usuário “avançado” significa deter certo repertório de conhecimentos que garantem fluidez na relação com o aliado e no lido com seu regulamento, significa ser proficiente enquanto aprendiz de um novo *modus operandi*, assim como quando aprendemos uma nova língua passamos a compreender a realidade e lhe atribuir sentido nessa nova linguagem. Some-se a isso que, apesar de o regulamento de cada droga ser específico, lidar com alterações no estado de consciência e experimentar deslocamentos na intensidade da percepção, quaisquer que sejam, funcionam como um treinamento no *playground* psicoativo: aprende-se e aperfeiçoa-se habilidades de manejo com estados alterados de consciência.

Muitas vezes lhe foi dito, antes de tomar LSD pela primeira vez, que “quando você tomasse LSD você ia mudar a sua visão de mundo”. Contudo, em suas viagens são dominantes as “ondas

⁵⁵ “Meu”, no original.

⁵⁶ Pressionada ou oprimida pelos efeitos da droga.

mais físicas”, mais corporais, “de me sentir mais ligada às coisas, mais ligada à natureza”, e “não sinto tanto esse *rolê* de me sentir mudada depois de um LSD”. Por entender, de modo geral, que “qualquer mínima coisa que você faz muda a sua vida”, Luana afirma que sente mudanças pequenas associadas ao LSD em sua vida, sem deixar de reconhecer que “uma onda de LSD é muita coisa” e lhe instiga a muitas reflexões. Contudo, não costuma chegar a essas reflexões quando está “frita” ou “chapada”; essas reflexões lhe ocorrem, via de regra, quando está sóbria. Sua lisergia é muito mais sobre seu ser e estar no mundo em geral do que sobre a sua vida em si; no sentido da indiferenciação ontológica discutida anteriormente.

É bem ilustrativo quando conta que certa vez estava *frita* e deparou-se com uma gatinha na rua; olhando-a sentiu sua presença com grande intensidade como se fossem a mesma coisa, ou uma só coisa. Disse que naquele momento não haviam diferenças entre ela e a gatinha. Luana acredita que essa experiência de unicidade com o mundo, tendo a gatinha como objeto, não acaba ali. Compreende que pode ter favorecido algum tipo de mudança psicológica, pois são esses contatos que podem se transpor para outras questões de sua vida. Não foi por conta do LSD e da sensação de indiferenciação com a gatinha que parou de comer carne, por exemplo. Mas a experiência da sensação de unicidade não se restringe àquela vivência e se expande para um plano mais geral de sua presença no mundo.

Essa vivência em específico foi um reforço positivo nessa direção e em sua forma de pensar sobre não comer carne a partir de então. Com essa experiência foi trazido para si um sentimento mais intenso de integração como parte da natureza. Em sua cabeça, como vimos, um novo modo de abertura para o mundo é também um novo modo de abertura de si mesma no mundo, expandindo seu eu para além de seus próprios limites.

Não necessariamente é a experiência com uma determinada substância, ao longo da imersão em seu regulamento, que provocará algum tipo de reflexão acerca de algum tema. O roteiro de uma viagem com ácido pode tanto ser recheado por reflexões e organizar as ideias quanto pode ser muito recreativo e/ou desprovido de reflexões, assumindo uma roupagem disruptiva que desorganiza as ideias. E não há que se ter juízo de valor quanto a isso. As duas possibilidades, como Luana declarou, vão provocar mudanças de perspectiva. Muitas vezes é possível chegar a conclusões e insights ao longo da viagem, muitas vezes é possível romper um certo padrão ou lógica de pensamento, e muitas vezes é possível desorganizar temporariamente o encadeamento de ideias prévio.

Todos esses caminhos levam o usuário ao exercício de reestruturar sua visão de mundo e a interligação entre suas ideias. Muitas vezes nada disso acontece, apenas passam-se algumas horas divertidas e sem significados propriamente ditos; porque o aliado não tem um propósito, o aliado é

apenas um auxiliar poderoso. Não obstante, Luana enxerga a mudança que o LSD propiciou em sua vida não como algo que ela sabia refletidamente que a havia mudado, mas tem certeza que essa mudança aconteceu. Não de forma “escancarada”, atribui ao LSD muitas coisas em sua vida, viveu muitos momentos especiais e fortes que a marcaram muito; conheceu pessoas que hoje são pessoas muito importantes em sua vida.

Sobre si mesma, entende que mudou muito em todo esse tempo em que esteve em contato com diversas drogas, não necessariamente por conta do uso de drogas, mas o uso de drogas – como uma prática corrente em sua vida – “com certeza” tem algo a ver com isso. “Então, com certeza mudou minha vida”. Não sabe dizer exatamente se consegue perceber de forma clara essa influência em outras esferas de sua vida, mas ressalta que sabe que de algum modo ela existe. “É como se eu sentisse que a influência do LSD na minha vida tá dentro de um emaranhado de várias coisas que me fizeram crescer”. Assim, compreende a lisergia muito mais como algo pontual em sua vida do que onipresente. A repercussão de suas experiências com LSD em sua vida é algo mais localizada do que de fato uma influência perene. Ou seja, o LSD mudou sua vida de modo específico e biograficamente localizado, não de modo generalizado. Esse caráter biográfico e pontual não oportuniza sentir a influência com força o suficiente para ser capaz de defini-la. É mais sobre o seu ser e estar no mundo em geral.

Luana diz ter incorporado o uso de LSD como uma droga de escolha para todas as viagens que faz, quase que como uma regra – um item indispensável para cada viagem. Não significa que usará, mas gosta de ter disponível caso o deseje, porque fixou em sua mente uma conexão entre viagens e LSD. Mas o que realmente sente que incorporou “foi ter aberto a [sua] mente sobre a droga em si, e sobre ter entendido o real valor dela na [sua] vida”. Não é a sua droga preferida, a que lhe dá mais prazer, mas ela detém um papel muito importante e legítimo. Assim, desenvolveu uma disposição para a lisergia, se pudermos colocar nesses termos. Pois por mais que ainda prefira drogas estimulantes, como o MDMA, está certa de que suas experiências com LSD são muito mais “ricas”.

A disposição para a lisergia é o interesse na “riqueza” lisérgica, na capacidade do LSD de propiciar a *abertura de si* e a *expansão do eu*: “sinto que consigo ter acesso a outros campos da minha mente que não teria tão facilmente”, “desde que sejam um bom ambiente e [com] boas pessoas, com certeza vai ser uma experiência muito incrível”, “porque é muita informação, muita coisa”. E como sabe que tem uma tendência a se ocupar demasiadamente com seus pensamentos e com o lugar que esses pensamentos poderiam levá-la, essa disposição se faz muito importante para a continuidade da prática. A experiência lisérgica “é mais uma abertura pra mim mesma, expandindo o que tem dentro de mim, meus pensamentos, que já existem; não é uma coisa que ele [LSD] cria”.

Assim, a lisergia se legitima e passa a não ser vista apenas como uma experiência de “gastação de onda” e divertimento, mas também como uma ferramenta de busca do autoconhecimento; “tem muita coisa, e ao mesmo tempo não tem tanto, eu não sei explicar”.

É claro para Luana que sua carreira lisérgica atravessou diferentes fases e passou por algumas mudanças, essas mudanças se verificam não apenas por ter ela mesmo atravessado diferentes fases de sua vida nesse meio tempo. Se verificam também porque amadureceu o entendimento de sua relação com o aliado e reconheceu sua trajetória de aprendizado em meio à sua prática de uso de LSD. Sua jornada assim evolui junto ao seu modo de ser e estar no mundo, e a partir daí pode eventualmente permear domínios mais específicos de sua vida. Hoje percebe-se apta a se divertir mais durante a *brisa*, muito porque conhece melhor o aliado e porque aprendeu a situar-se no ecossistema lisérgico; muito por ter se rendido ao que chama de “risadinha”, que é basicamente a forma que encontrou de lidar e controlar possíveis *badtrips*: deixando-se fluir, deixando-se ir, “rindo de besteira”: ao invés de se preocupar, dar risada, porque pode ser só uma *brisa*.

Encontrou essa forma de manejar a lisergia após uma primeira fase de sua jornada que caracteriza pela busca demasiada de “lisergia pela lisergia”: querer “ficar tendo visual” e “nessa busca de ter pensamentos profundos e tal”; não que olhando de hoje veja como um propósito ruim, mas simplesmente prefere “gastar onda”. Vendo que o LSD poderia ser uma coisa muito divertida quando dissociada dessa “profundidade”, começou a viver mais esse lado “descompromissado”, e conseqüentemente suas viagens acabam sendo mais tranquilas. Até porque, ressalta, essa “profundidade lisérgica” é algo que se manifesta quando se procura por ela.

Tomando como exemplo os efeitos visuais do LSD que se fazem notar quando se procura por eles, quando se olha para as coisas com atenção. Hoje em dia não está mais nessa “função” de procurar a lisergia. Entrega-se ao “rolê”: “tomar numa cachoeira, eu tomo pra fazer trilha, pra sair andando, pra entrar no rio, pra sentir mais do que de fato” procurar. A principal intenção que atribui ao uso do ácido hoje em dia é o divertimento. Ao mesmo tempo, sente que é uma vivência expansiva com o potencial de construir memórias muito fortes em sua vida; “me traz experiências, e pessoas, e visualizar lugares de outras formas, de uma maneira mais bonita, de realmente enxergar outra perspectiva daquele ambiente, e pra mim isso é muito forte”.

A dupla possibilidade de uso, equilibrando-se entre a “profundidade” e a “risadinha”, muito inspirada nas ideias de uma amiga sua, ecoa os versos de Luiza Lian, em “Tem luz”. Diz fazer muito sentido pensar que o LSD “tem luz, mas não é o mistério”, o LSD “reluz”. Talvez por isso tenha começado de fato a enxergar o LSD como se fosse uma luz “que te abre portas pra entrar dentro de você mesmo, te apresenta caminhos, mas não é ‘o’ caminho, não é necessariamente ‘a’ direção [a se

seguir]; (...) pode ser só um lugar, você pode usar pra se divertir. Quando você toma o chá [Ayahuasca], por exemplo, você não tem como fugir da resposta, com o LSD você pode até encontrar [a resposta], se você conseguir, se você se centrar. O chá é uma parada realmente ritualizada: você tá lá, veí, você só tá lá, não tem outro lugar pra você ir”.

Nesse sentido, *o propósito inflexível* que para Don Juan é tão fundamental na busca pelo autoconhecimento não o é sem razão. A busca pelo autoconhecimento por intermédio de aliados exige (1) a conformação com um propósito determinado e (2) a conformação com seu regulamento; a ritualização da prática se instaura como materialização do consenso especial. Quando lemos que alguns psicodélicos têm a características de “serem luz”, recai sobre o aprendiz apenas o esforço de “desvendar o mistério” uma vez que o aliado não o obsta de nenhum modo a satisfazer qualquer outro propósito à mão: “você vê a galera aí gastando onda tomando 10 gotas numa rave. Quer saber o quê? Quer saber de nada veí! E pode ser isso, há esse caminho do LSD, é isso que eu quero dizer”. A possibilidade do LSD ser ou não agenciado como ferramenta de autoconhecimento “depende muito de você”.

3.2. Desconexão, “reparametrização” e ressignificação

Miguel já percebia as coisas um pouco diferentes, e quando entrou pela porta de casa já não se sentia mais a mesma pessoa; estava doido, sua consciência estava extremamente alterada. Em meio a esse vórtice de novas sensações se via “literalmente aprendendo a como viver em outra dimensão”. O LSD deslocou abruptamente as formas como via e sentia as coisas, e principalmente, as formas como interagia no mundo. Para Miguel, o que o LSD fez naquele dia era algo absolutamente singular – “você sabe que está sob efeito de LSD” –, sendo nítida a alteração muito específica de seu estado de consciência, inconfundível. O que vamos explorar com Miguel é um processo ao qual se referiu como “reparametrização” e “ressignificação” do seu estar no mundo desencadeado pelo contato com o LSD.

Suas *viagens* costumam ser completamente intimistas. E por intimista – ou íntima – devemos entender introspectivas; no entanto, o caráter dessa intimidade não lhe é associado indiferentemente. A introspecção é definida por Miguel como experiência de “estar muito para dentro”, “mentalmente, psicologicamente” voltado para si, pensando e teorizando demais sobre as coisas. Daí que seu estado introspectivo é também um lugar de intimidade. Assim, quando sua disposição introspectiva se conforma com o regulamento lisérgico, ele entra numa relação de intimidade não apenas consigo, por ser já um padrão reativo próprio, mas também com o aliado, que além de desempenhar o papel de “guia”, como veremos, também o acolhe nesse lugar de vulnerabilidade.

A imagem desse lugar de intimidade e sua disposição de uso do LSD diante de outras situações explicitam a condição de vulnerabilidade na qual se encontra quando em contato com o aliado. Miguel lembra de uma noite em que estava sozinho em casa, quando teve uma dessas *viagens* muito íntimas, e chorou por ter conseguido atravessar muitas camadas do seu ego e de sua consciência, por ter descoberto algo relacionado a Deus, algo relacionado à sua consciência e ao universo. Em contraste, conta que quando foi em sua primeira festa *rave* e tomou uma gota⁵⁷ de LSD puro foi “simplesmente horrível a experiência”; estabeleceu-se um conflito entre a tendência intimista de seu regulamento e o caos de um ambiente no qual, ao mesmo tempo, precisava interagir com várias pessoas e tinham muitas coisas acontecendo. A situação de ter de interagir no ecossistema lisérgico, com muitas pessoas e muitas coisas, lhe soa completamente “bizarra”. Nesses espaços, prefere usar maconha, porque com a erva consegue relaxar e “ligo o foda-se e danço, canto, converso e faço as coisas que tenho que fazer”. Miguel afirma que ter de lidar com tudo isso sob efeito de LSD é completamente diferente porque “ao contrário de muitas pessoas que têm suas crises depressivas e crises de ansiedade ocasionadas por problemas e sentimentos externos”, suas “crises existenciais são completamente internas”⁵⁸, sendo que o LSD age internamente. Sobre as questões internas o aliado pode lhe dar clareza, “não diria que abre caminhos, mas ele ilumina onde eu já estava passando”. Na ausência de algumas respostas acerca do caminho que estivesse seguindo em sua vida, o LSD lhe dá uma orientação. Por isso Miguel cuida para que no momento da experiência haja todo um preparo do *setting*, assim como se prepara mentalmente, entende ser fundamental aplicar uma intencionalidade ao uso. Ele diz: “eu sei o que eu tô indo buscar quando eu tomo, eu sei o que eu tô buscando”. O ajuste fino, digamos assim, do *set* e do *setting* são de vital importância para o sucesso de sua busca. Mas, se vai achar ou não o que procura é uma questão que depende da viagem; afinal, qual será a consequência de ter tomado o *doce* não lhe é conhecida de antemão.

Lhe é muito clara a percepção de que não é possível, ou desejável, usar o LSD em qualquer ambiente. Entende que o LSD é um recurso ao qual deve recorrer quando quer “mais intensidade para fazer alguma coisa, ou sentir alguma coisa”, quando pretende entender um pouco mais sobre o que anda fazendo: quando “quero conhecer um pouco mais sobre meus pensamentos, de onde eles vêm, de onde tá sendo originado um ciclo de pensamento, seja bom, seja ruim...”. Desse jeito o LSD expande sua capacidade de ressignificar algo, ou de entender o significado de algo. Quando lhe

⁵⁷ A “gota” é uma forma disponível para consumo da droga. Em um recipiente do tipo conta-gotas há uma certa quantidade de LSD que é comercializada em “gotas”; compra-se a unidade de gota, que pode ser aplicada nos olhos (menos comum), sobre ou sob a língua; a gota também é encontrada em jujubas envolvidas em papel filme, na qual uma gota foi pingada.

⁵⁸ A perspectiva de Miguel quanto à *internalidade* ou *externalidade* das questões que provocam uma crises existenciais não serão aqui problematizadas.

perguntei sobre onde se encontra esse “algo” ao qual se refere, me disse que se encontra “nas questões mais antigas do universo, quem sabe? De onde vem a consciência, o que é a consciência? Deus... onde está a linha tênue entre o estado alterado de consciência e espiritualidade. Se o que a gente vê, o que a gente sente, na verdade seria realmente uma desconexão e estamos apreciando nossa consciência, nossa alma, quem sabe?”

Como lemos – e sobre isso nos deteremos nos parágrafos seguintes –, Miguel parece não estar certo sobre se o que sente é de fato uma desconexão, mas, mesmo assim considera-a presente: uma *desconexão* “muito forte” entre os conteúdos que ocupam o estado de consciência ordinária no dia a dia e os conteúdos que surgem no estado de consciência alterada pela experiência lisérgica. “São coisas que no dia a dia não chegam nem perto de se passar. São coisas que vêm em completo ócio, eu diria. São coisas que vêm três horas da manhã, entende? Antes de dormir”. Suas *viagens* geralmente seguem essa direção, e por isso demorava muito tempo para se lançar novamente em novas experiências, pois esperava sempre momentos de sua vida no qual se sentia completamente confortável, de modo que podia simplesmente se dedicar à sua “viagem para dentro”; porque é preciso tempo para que a intensidade seja absorvida. Relata que se usou quatro ou cinco vezes no ano anterior ao da entrevista, foram muitas vezes; e se no ano da entrevista tomou 3, foi muito. A ideia aqui é a de que a luz do aliado é requerida sempre em momentos muito específicos, quando a *desconexão* se faz profícua no exercício de compreensão de suas questões pessoais.

É o princípio da *desconexão* que sustenta e promove a reparametrização de sua experiência de vida e a ressignificação de seus conceitos. Apesar de afirmar que os conteúdos que permeiam seu fluxo de pensamentos no estado de consciência lisérgico são desconexos do estado de consciência ordinário, esses não o podem ser. Porque, novamente, se o LSD não cria nenhuma realidade alheia ao aprendiz, a biografia permanece o único plano contra o qual pode incidir o “holofote” lisérgico e esses conteúdos não podem ser desconexos. Indício disso é quando Miguel fala que esses conteúdos vêm “em completo ócio”, “às três da manhã, antes de dormir”; e esse tipo de pensamento que nos tira o sono não nos é estranho, temos boas reflexões ou nos vemos implicados com algumas ideias de caráter duvidoso quando há espaço em nossas cabeças para que tal aconteça. Mas afinal, há desconexão? Há, mas precisamos discutir os termos pelos quais ela se instaura.

Em “Princípios de psicologia”, William James atribui ao fluxo de pensamento o aspecto de ser sensivelmente contínuo:

As únicas rupturas que podem ocorrer nos limites de uma única mente seriam ou interrupções, intervalos-de-tempo durante os quais a consciência desaparece completamente para voltar à existência novamente em um momento posterior; ou seriam rupturas na qualidade ou conteúdo do

pensamento, tão abruptas, que o seguimento que segue não teria qualquer conexão com o que vinha anteriormente⁵⁹.

Como não há aqui nenhum desaparecimento da consciência, mas alteração no seu estado, nos interessam aqui as rupturas qualitativas e de conteúdo, porque para Miguel os pensamentos que lhe ocorrem no estado de consciência alterada são desconexos dos existentes no estado de consciência ordinária. Mas quão abruptamente desconexos? Não me parece ser o caso de uma desconexão tão profunda, afinal, o material de suas reflexões não pode se originar de qualquer estado que não seja um estado de sua própria consciência. Por conseguinte, James, diferenciando entre casos nos quais a consciência “está consciente” das interrupções e rupturas e casos nos quais ela não está, argumenta que “*as mudanças de um momento para o outro na qualidade da consciência não são nunca absolutamente abruptas*”⁶⁰, e aludindo a estados de “inconsciência” produzidos por “óxido nitroso e outros anestésicos” (mais próximos ao estado de consciência foco dessa investigação) conclui que:

[...] as bordas quebradas da vida sensível podem se encontrar e se fundar acima do intervalo, tanto quanto as sensações de espaço e de margens opostas do ‘ponto cego’ se encontram e se fundem além daquela interrupção objetiva à sensibilidade do olho. Uma consciência tal como esta [...] não é por si mesma fragmentada. Ela sente de modo não fragmentado; [...] com nenhuma substância estranha e intrusa entre elas. Esperar que a consciência perceba as interrupções de sua continuidade objetiva como intervalos seria como esperar que o olho perceba um intervalo de silêncio porque não ouve, ou que o ouvido perceba um intervalo de escuridão porque não vê. De maneira análoga para os intervalos que não são percebidos. Com os intervalos percebidos o caso é diferente. Ao acordar, comumente sabemos que estivemos inconscientes e frequentemente temos um julgamento acurado de durante quanto tempo estivemos inconscientes. O julgamento é aqui certamente uma inferência a partir de sinais sensíveis e sua facilidade é devida à longa prática no campo particular. O resultado do julgamento, entretanto, é que a consciência é, para si mesma, não o que ela era no caso anterior, mas interrompida e contínua, nos meros sentidos temporais das palavras. Mas no outro sentido de continuidade, no sentido das partes sendo interiormente ligadas e juntadas porque são partes de um todo comum, a consciência permanece sensivelmente contínua e única. Qual é agora o todo comum? O nome natural para ele é eu mesmo, eu ou mim⁶¹.

Como a todo instante na experiência lisérgica o regulamento envolve apenas o aprendiz e o aliado, os conteúdos biográficos que balizam a conformação com o *modus operandi* lisérgico e costuram os termos do deslocamento não podem ser desconexos dos conteúdos de outros estados de consciência, pois qualquer que seja o estado dessa consciência – ordinário ou lisérgico – é a consciência de Miguel, “ele é eu mesmo, eu ou mim”. Logo, o todo comum da experiência de Miguel é ele próprio, esteja ou não refletidamente consciente das interrupções ou rupturas que

⁵⁹ JAMES, William. *Princípios de psicologia* In: *Pragmatismo e outros textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 130.

⁶⁰ Ibid. p. 130.

⁶¹ Ibid. p. 130-131.

possam ocorrer. Do ponto de vista da sua experiência geral, não pode a consciência em estado lisérgico estar desconexa da consciência em estado ordinário, porque ela não é uma consciência distinta da consciência do estado anterior, como vimos com James.

Portanto, proponho entender o princípio da desconexão concebido por Miguel como consistindo na capacidade de (1) perceber as interrupções ou rupturas no fluxo de sua consciência e, (2) discernir entre as diferentes qualidades e os conteúdos do fluxo de sua consciência.

A derradeira experiência de Miguel com o aliado se deu numa fase de sua vida em que sentia muito peso na consciência por não estar se sentindo bem com quem vinha sendo, vendo que precisava mudar seu padrão de comportamento. Um dia resolveu que precisava tomar essa atitude. Tomou, madrugada adentro, um *doce* que haviam lhe dado, num desses momentos de completo ócio. Nessa *viagem* pôde se *desconectar* e reparametrizar muitas questões em sua cabeça, podia ver claramente onde estava errando e o que precisava fazer para mudar para um “estilo de vida simplesmente mais saudável” e, com efeito, romper com o ciclo de lamentações de suas escolhas passadas, ressignificando seu ser no mundo. Essa experiência foi relevante para ele, na medida em que viu que “só” precisava “viver de forma mais suave” para se libertar dos problemas que ele mesmo criava.

Nesse dia, “as coisas ficaram claras”. Ao som de “Man of No Ego”⁶², o aliado clareou o “gênero de pensamentos mal formulados e incompletos que davam mil voltas e giravam num turbilhão uniforme em [sua] mente”⁶³. E como ao aliado recai apenas o papel de iluminação, resta ao aprendiz desbravar seus próprios caminhos. De modo muito similar, Huxley escreve algumas palavras sobre o potencial da mescalina de auxiliar no desbravamento de caminhos próprios em busca de uma questão pessoal que exige ação:

A mescalina é absolutamente incapaz de resolver esse problema; só é capaz de propô-lo, de modo apocalíptico, para aqueles a quem ele nunca antes havia se mostrado. A solução plena e final só pode ser encontrada por quem esteja preparado a implementar o tipo correto de cosmovisão por meio do comportamento correto e de uma atenção correta, constante e tranquila.⁶⁴

Huxley nos indica justamente o que Miguel extrai de sua relação com o aliado. O suposto “problema” é proposto (nem sempre de forma apocalíptica), mas a sua resolução depende exclusivamente do comprometimento do aprendiz em busca da resolução; e esse comprometimento

⁶² Man of no Ego é o nome artístico de Dimitar Petrov, professor e de yoga e produtor de música eletrônica *downtempo* e *ambient*. Dimitar acredita que a “tranquilidade da mente é essencial no caminho da eliminação do ego”, e que o estado “no-ego” é um estado natural que pode trazer cura. Miguel se refere ao álbum “Blinkers Removed”, de 2015; uma tradução para o nome do álbum seria “Pálpebras Removidas”.

⁶³ TURGUÊNIEV, Ivan. *Diário de um homem supérfluo*. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 36.

⁶⁴ HUXLEY, Aldous. *As portas da percepção; Céu e inferno*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015, p. 36.

é o que Castañeda chama de *caráter inflexível* do aprendiz perante o regulamento do aliado. O aliado é nesse esquema um auxiliar, provido dos meios que podem ser agenciados como para se alcançar objetivos específicos, sendo sua única condição conformar-se com seus termos, seu *modus operandi*. Sem necessariamente personalizá-lo, Miguel refere-se ao aliado como um ente que impõe sua personalidade e modo de ser: o “LSD não é maconha, não é álcool, não é nicotina”, é ele próprio, de modo que quando busca esse modo de intensificação específica, busca o LSD e se conforma com esse seu regulamento.

Por conta do tempo que já se passou desde a última vez que fez uso do LSD, o impacto das mudanças suscitadas em sua vida se tornaram pouco perceptíveis ou quase nulos no cotidiano. No contexto de uma vida adulta ocupada, mais corrida, com um maior número de responsabilidades, o aprendizado se evanesce, caindo para o “fundo da gaveta”. Entretanto, têm para si que o LSD já lhe foi de grande utilidade no passado e isso se verifica no fato de que sua procura pelo auxílio do aliado encontra-se “infinitamente” menor: “não tenho vontade, não anseio tomar LSD”. Isso não anula a importância que os aprendizados tiveram anteriormente porque Miguel entende que só é quem é hoje porque investiu na relação com o aliado. O saldo desse investimento se coaduna na sua “forma de seguir a estrada da vida”, sem se incomodar com coisas pequenas ou sem se deixar abalar por coisas que não mais considera tão importantes. Acredita que coisas que representam “escadas enormes” ou grandes desafios para pessoas que nunca usaram LSD, para ele seriam “apenas um degrau”; e atribui esse mérito ao LSD sem hesitação. Aprendeu a “relevar e ressignificar besteiras da vida; sentimentos provocados por atos de terceiros” e a não mais se deixa afetar da mesma forma como vê que os outros se afetam; outros que nunca usaram LSD ou que usaram “de forma errada”, “entre aspas já que não existe forma errada de tomar LSD, apenas formas de ver e sentir diferente”. A *desconexão* que experimentou em suas experiências lhe permitiu ajustar sua perspectiva de vida a novos parâmetros; e esse ajustamento, por sua vez, o fez atribuir novos significados às coisas do mundo da vida.

Contudo, não podemos afirmar que Miguel tenha incorporado o uso de LSD em sua vida porque incorporar a prática seria “usar regulamente”, e por regularmente Miguel entende algo como “uma vez por mês ou uma vez a cada dois meses”, o que já considera uma “quantidade abusiva”⁶⁵. Ele não se considera um usuário de LSD, mas não deixou de usar LSD, pois é “algo que me acrescenta em momentos que eu quero que ele acrescente”. Ter uma intenção bem definida é crucial para extrair o melhor proveito da experiência; e é a intensidade do deslocamento que justifica a não incorporação da prática. Tamanha intensidade não pode ser banalizada ao ponto de enxergar o LSD

⁶⁵ Ambos os conceitos de “regularidade” e “incorporação” da prática de uso devem ser relativizadas, uma vez que outros usuários as definem mediante diferentes parâmetros. Isso quer dizer que ambos se configuram não apenas pela frequência quantitativa mas também por elementos qualitativos atribuídos à prática.

“apenas como uma droga recreativa”, porque “usar simplesmente como recreação pra sentir coisas físicas e visuais é explorar muito pouco o poder dele”. Na banalização se “perde toda a magia, toda a parte do ritual de aprendizado que ele te traz”. Assim, sua prática de uso se fundamenta na ritualização do uso, no cuidado em se ater ao regulamento do aliado e na manutenção de um propósito inflexível. A ritualização da prática talvez seja o elemento essencial para que o estado de *desconexão* de onde emana toda o aprendizado se instaure. A banalização da prática provocaria justamente o oposto da ritualização, colaborando com a perda de foco na vida cotidiana que é onde a vida se faz: “ter esse tipo de experiência demais acaba te tirando o foco da vida cotidiana. Te tirando das missões que você tem que fazer pra manter uma vida saudável. Fora do âmbito espiritual, fora do âmbito universal da coisa. Ficar viajando demais é perigoso”.

3.3. Imersão do inconsciente

Num primeiro momento o LSD lhe alterou a forma como percebia o passar do tempo, intensificando tudo o que sentia, mas ainda assim não experimentou nada visual. É então num segundo contato com o aliado que Cecília se vê completamente imersa em si mesma, intensificados os fluxos de seus pensamentos, o que chamou de imersão do inconsciente⁶⁶.

Deparou-se com aquele tom de verde, meio acinzentado, desbotado, pensou consigo: “aquela era a cor da tristeza”. E foi quando, num outro momento, ao se olhar no espelho, era ela a própria tristeza, “eu era dessa cor”. Foi uma pequena *bad* que teve nesse primeiro contato com o LSD. Buscou com uma amiga que estava presente auxílio para tentar entender o que estava acontecendo de fato: por que se olhava no espelho e se via diferente? Não era como se fosse uma outra pessoa, mas sentiu seu corpo estranho, como se algo estivesse errado, como se houvesse passado muito tempo sem se ver, a ponto de estranhar-se diante do seu reflexo. “Eu senti que foram essas questões do inconsciente interagindo de uma maneira mais intensa e sinestésica, uma cor, uma luz me lembrando uma sensação, uma memória, uma sensação corporal bem intensa, conectada”, disse. Lembrou-se de uma vez, quando criança, essa experiência que teve com a cor verde e a tristeza já havia ocorrido antes...

Cecília vivencia a expansão da capacidade associativa através dessa imersão de seu inconsciente no seu consciente: um processo sinestésico de interconexão com sentimentos e memórias por meio de estímulos provindos do efeito lisérgico. A *imersão do inconsciente* se

⁶⁶ Ao que a psicanálise chama “inconsciente”, na fenomenologia de Schutz encontramos o “estoque de conhecimentos” e os “sistemas de relevâncias” enquanto zonas de consciência irrefletida, feita a ressalva que o conceito de “inconsciente” sublinha o caráter do conteúdo que se encontra reprimido. Sobre isso, ver: SCHUTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 84-88.

instaura tecendo um emaranhado de cores, intensidades e imagens à memória corporal – às sensações por ela retidas –, como um mecanismo do regulamento lisérgico conforme o qual se estrutura sua experiência.

A *gênese* de sua experiência lisérgica, acredita, encontra-se em dois aspectos, por um lado, (1) na interação do aliado com seu *inconsciente* – suas disposições, vivências passadas, e com tudo aquilo para com o que tem uma *sensibilidade naturalmente maior* –, afinal, “cada um terá aspectos de si tornados mais preponderantes sob o efeito”; por outro lado, (2) encontra-se também na abertura de sua percepção para as *energias circundantes*, na amplificação da sua capacidade de se conectar “com o ambiente e com o mundo em si”. O deslocamento que o LSD lhe proporciona é então determinado em termos de *interconectividade* e *amplificação perceptual*. Não só as barreiras que separam seu consciente do inconsciente são dissolvidas, como também o são as fronteiras que a separam do mundo.

Nessa direção, ao refletir sobre o efeito do aliado sobre sua percepção, principalmente das cores e energias, Cecília ressalta que seus sentidos sempre foram aguçados, e que por conta disso também o era sua percepção do mundo. Essa constatação remete-nos diretamente ao consenso especial. Aqui também vemos aquele acordo entre o aprendiz e o aliado, ou melhor, a conformação entre os propósitos do aprendiz e o regulamento do aliado. Esse formato específico do regulamento, do modo como ela mesma o compreende, surge do acordo firmado com o aliado nos termos daquilo que já é para Cecília uma maneira consolidada de estar no mundo e se ocupar dele.

Assim, o que a imersão *do inconsciente no consciente* faz é trazer à tona a totalidade do seu ser num estado de consciência alterada. A interconexão se estabelece em conjunto com a *amplificação* da sua percepção de mundo e das energias circundantes. Composto não só por felicidade perene e constante bem-estar, mas também por vivências ruins, seu *Eu* tem um *lado sombrio*, a princípio *recalcado*. Sob o efeito lisérgico, esse *lado sombrio* angaria a oportunidade de permear sua afetividade, modificando o esquema interpretativo que embasa seu agir e reagir no mundo. Imersos no consciente, esses conteúdos recalcados se fazem visíveis e acessíveis, na medida em que afirmam mais energicamente sua legitimidade diante de sua biografia e sua relevância diante de seus propósitos. Poderíamos inclusive destacar que o maniqueísmo no qual Cecília se expressa indica o caráter indesejado de algumas vivências específicas. É desse modo que a lisérgia a faz ter de lidar com a totalidade de quem é, não estando mais sob seu controle evitar ou não confrontar algo.

Ou seja, não é que o LSD naturalmente volte sua atenção para questões problemáticas ou mal resolvidas, mas ao lançá-la numa zona de indeterminação, certos conhecimentos e padrões de reação em sua vida ordinária podem não ter serventia ou a mesma eficácia no estado alterado de consciência. É a necessidade de encontrar novas formas de lidar com a diferente realidade que se

impõe que a faz refletir sobre si e sobre o mundo. É a necessidade de redefinir ou reajustar parâmetros que lhe fornece novos aprendizados. Ressalto que Cecília entende que o LSD lhe causa *uma sensação de estar no mundo diferente*, o que me dá segurança em seguir o caminho até então trilhado neste trabalho.

Mantendo em perspectiva o que acabei de expor sobre *interconectividade e amplificação perceptual*, faço uma breve pausa nessa discussão para voltar a atenção agora para alguns exemplos de situações vividas por Cecília em suas viagens.

Na entrevista, ela me contou de uma vez que saiu na rua com uma amiga, para ir ao mercado, sob efeito do *doce*. Sentia mil coisas, não fosse o próprio andar na rua suficiente para fazê-la sentir-se exposta e vulnerável. Ao caminharem por um canteiro na avenida ACM, um homem passou por perto em seu carro e as assediou, gritando qualquer coisa. Tomaram um susto! Havia nesse canteiro um pequeno “outdoor”, uma espécie de estrutura metálica retangular com alguma propaganda. Coincidentemente, quando o motorista as assediou, passavam ao lado de um desses “outdoors de chão”, no qual sua blusa ficou presa e um pequeno pedaço foi arrancado, deixando um buraco na roupa. Sentiu ali a materialização da violência verbalizada pelo motorista. Num outro momento me falou sobre quando assistiam a um videoclipe de Lana Del Rey, na sala de TV da casa de Thibs, que foi inteiramente trabalhado com uma paleta de azuis. Ela lembra de como esses tons de azul inundaram o ambiente por completo, e de como de repente tudo virou água. Sentiu ali a materialização do conforto, de um grande bem-estar – tudo aqui “foi bem gostoso”, me disse. Ou, ainda da vez quando observava o céu à noite e, olhando para as estrelas, pôde ver entre aqueles pontinhos reluzentes na escuridão as linhas que os ligavam e formavam o desenho das constelações, assistiu impressionada todos os signos desenhados no céu. Nesse momento ficou convencida de que as pessoas que criaram os desenhos dos signos estavam sobre o efeito de ácido.

Temos um momento de interação agressiva, em que um pedaço de sua blusa foi arrancado. O que normalmente a deixaria irritada, dessa vez, sentiu como se toda aquela violência do assédio tivesse arrancado um pedaço de si, e sentiu isso muito intensamente. Nos outros dois casos, vemos algo contrário e de comparável impacto. A intensidade das cores que via a confortara, e a beleza do céu e das estrelas que observava a impressionara.

Os breves relatos acima nos servem de exemplo para o que falávamos há pouco, do dissolver das fronteiras e do interconectar-se com o mundo e as energias circundantes. Não só demonstram a *amplificação perceptual* no experienciar dos eventos como ainda desnudam a *interconectividade* por meio de interações que se materializam nas sensações de estar no mundo sob o regulamento do

aliado. A sensação de estar exposta ao caminhar na rua não é uma exclusividade do estado lisérgico. E isto é uma obviedade, mas é preciso salientar que o deslocamento provocado pelo LSD intensifica essa sensação, e a intensificação provém justamente do *setting* da experiência, do ambiente interacional no qual ela se desenrola, ou melhor ainda: do *ecossistema de experiências*. A rua seria um lugar onde qualquer coisa poderia acontecer – e aconteceu. Trata-se de um ambiente instável ao extremo, imprevisível. Apesar de acreditar ser possível usar o LSD em diferentes situações, por segurança prefere ter suas experiências em ambientes controlados, estáveis e com poucas pessoas, para que seja possível que o regulamento lisérgico se instaure dentro de parâmetros mínimos que intenciona para sua viagem. É o que vemos nos outros dois casos relatados sobre os signos e sobre o videoclipe de Lana Del Rey. Nesse sentido o *setting* é sempre alvo de um esforço de obtenção de controle por parte do usuário, mesmo que em alguns casos este opte pelo não-controle, ele é crucial na determinação dos graus de estabilidade, previsibilidade e segurança da viagem, a viagem se estrutura em parte a partir do *setting*. Mas, abordaremos esse assunto mais a fundo no capítulo sobre a Quinta do Doce.

Para voltar ao tema da interconectividade e amplificação perceptual, é interessante observar que a estrutura de sua experiência lisérgica consiste num deslocamento para um *estar-no-mundo lisérgico*, nos termos que expus acima. Trata-se de uma *imersão do inconsciente*, que é como decidimos chamar esse estado de presença. Nele, o seu inconsciente é imerso no consciente, integrando-se a ele e trazendo à tona a totalidade do seu ser, incluídos os conteúdos recalçados de sua biografia. Ao término da viagem lisérgica, o que lhe resta é uma *memória da sensação* da lisergia. Cecília acredita que o LSD *abriu sua percepção* para uma forma de estar no mundo antes inacessível no estado de consciência ordinário. Posteriormente, essa abertura se mostrou capaz de fazê-la perceber as coisas da forma como a lisergia a permitiu perceber durante a viagem. A *memória da sensação* encontra-se na capacidade de agora, mesmo sóbria, acessar o regulamento lisérgico e aplicar ao mundo os novos parâmetros com os quais se deparou – do mesmo modo que um computador pode rodar um programa. O programa nada mais é do que uma série de instruções e parâmetros que orientam o hardware a realizar uma ação, e assim como um programa, o LSD efetua diversos ajustes no hardware humano – o corpo –, o que significa dizer que as experiências lisérgicas se agregam ao estoque de conhecimentos e reformula a definição dos seus sistemas de relevâncias com novos parâmetros e instruções. Cecília pode recorrer ao regulamento lisérgico mesmo após o momento da experiência propriamente dita, porque o aprendizado foi instalado e se mostrou fecundo, instaurando sua legitimidade. Cecília aprende a ver o mundo a partir de uma perspectiva

diferente, uma perspectiva que apenas o LSD pôde lhe proporcionar. Portanto, a *imersão do inconsciente* foi um legado do LSD.

Cecília acredita que a forma *diferente de estar no mundo* experimentada sob o efeito do LSD não se restringe ao momento em que a droga está interagindo com o organismo. É claro, diz ela, que a sensibilidade não se encontra no mesmo patamar atingido no momento da experiência, mas lhe foi proporcionada “uma nova forma, uma forma diferente de perceber e enxergar as coisas [...], [tendo] expandido a forma de pensar nas coisas, na realidade, de perceber a realidade”. Antes de usar LSD, acreditava que através de outros métodos, como com o uso da maconha ou até meditando, poderia simular a experiência que os psicodélicos oferecem. No entanto, ela reconhece que isso não é possível por se tratar de uma “interação bem diferente”, afinal, é “como se você estivesse abrindo portas para perceber detalhes, ou perceber as coisas que você naturalmente não vai perceber, sentir”. Nesse sentido, o LSD instaura uma “sensibilidade a coisas óbvias ou então coisas que estão lá, mas não se enxerga” no estado de consciência ordinário. É praticamente um programa instalado no cérebro.

Em suma, seu aprendizado com o aliado e seu regulamento se legitima como uma forma de perceber a vida e a realidade de *maneira ampliada*, para além dos links e insights interessantes que a maconha, por exemplo, pode propiciar. O LSD promove uma percepção do espaço e da realidade que levam a um padrão de reflexão muito específico. Tudo o que ela descreve é um aprendizado com a prática, com o lidar com o mundo de fato, um aprendizado que ela afirma não poder ter adquirido de outra maneira, pois são específicos para a interação com o LSD. Trata-se de uma indicação de que a capacidade do LSD de reestruturar o sistema de relevâncias do usuário e se estabelecer enquanto um caminho legítimo de interpretação da realidade com a qual lidamos em nosso dia a dia é sim algo a ser considerado como importante na carreira de um usuário, isto é, determinante para que a continuidade do uso se justifique. Justificada, persiste a percepção de que aquela *memória da sensação* de suas experiências com LSD repercute em seu cotidiano, como se sua capacidade de ver e pensar sobre as coisas tivesse sido expandida. Sente e reconhece que houve um “desbloqueio de algo em sua mente”, o desbloqueio de um passaporte lisérgico que lhe concede um acesso diferente ao mundo e à vida, sendo-lhe possível “pensar nas coisas e na existência de uma outra forma”.

Apesar de tudo isso, o fator que a levou a não incorporar o uso de LSD diz respeito à disponibilidade da droga, uma vez que lá não tem disposição para *fazer o corre*. Sempre que usou, foram outras pessoas que arranjaram. Assim, entende que não incorporou o uso porque não continuou usando, mas que tem interesse em utilizar novamente com o propósito de trabalhar seu autoconhecimento e de se conectar consigo e com as outras pessoas. Diz que usaria para lazer de

forma mais pontual, mas não apenas, “eu acho que eu explorei um pouco do que essa substância pode oferecer para mim, mas eu acho que eu poderia extrair mais da experiência, ter outras experiências diferentes do que eu tive, eu acho que poderia ser legal explorar mais os pensamentos e a natureza da realidade”. Ao longo de sua carreira de usuária, foi sentindo coisas diferentes, a depender do lugar onde estava e das pessoas que estavam ao seu redor.

3.4. Estado de elevação

Tomou um quarto de *doce* na praia com amigos; tendo sido uma quantidade pequena, sua *trip* foi muito tranquila, leve, ao ponto que chegou até mesmo a pensar que talvez não tivesse *batido* direito. Enquanto isso, recebia orientações de um amigo, que lhe dizia coisas como: “não fique nervosa, é só uma onda”. Isabela conta que, na verdade, seu amigo estava super nervoso por ser sua primeira vez. No limite, o doce a fez ver as coisas mais nitidamente, mais vívidas, principalmente as cores, segundo a narrativa de sua experiência. Ficou impressionada observando o céu, o sol, o mar. Gostou bastante da experiência, mas nada de muito marcante aconteceu nessa primeira viagem.

À época da entrevista, considerava que o LSD tinha lá seus pontos positivos e negativos, prós e contras. A lisergia pode “suscitar coisas boas e coisas ruins”, e isso depende muito de como estiver se sentindo na hora. Sentindo-se bem, permanece o bem-estar; sentindo-se mal, “algum problema pode acontecer”. Também compreende que o regulamento lisérgico se instaura a partir de sua biografia: “suas disposições, suas vivências passadas, e com tudo aquilo para com o que tem uma *sensibilidade naturalmente maior*”, no mesmo sentido do que expressou Cecília em seção anterior.

A *expansão da capacidade associativa* se verifica em sua experiência por meio de um *estado de elevação da consciência*; citando um amigo, ela explica que “cada doce que você toma te deixa mais alto, você levanta e consegue ver as coisas melhor”. Isto é, o aliado é capaz de *elevá-la* a uma posição de onde pode enxergar sua vida com maior clareza e discernimento. Acredita que é possível crescer muito a partir dessas viagens, que sempre a fazem refletir acerca de coisas sobre as quais não pensaria estando sóbria, em estado de consciência ordinário.

Essa ideia de que “cada doce que você toma te deixa mais alto” me parece tanto uma metáfora para o lugar de clarividência alcançado quanto a própria expressão que referencia o “ficar alto” por efeito da droga, algo equivalente ao “*get high*” em inglês. A imagem do “ficar alto”, nessa medida, me remete ao universo *gamer* e à jogabilidade de alguns videogames: há muitos jogos cuja perspectiva que o jogador tem do personagem do jogo é em primeira ou em terceira pessoa (exceto

jogos estilo Arcade, que são em 2D). No primeiro tipo, o jogador é o próprio personagem, sendo que a tela funciona como uma extensão dos seus olhos; no segundo, ele vê o personagem por trás, como um outro, logo à sua frente. Boa parte desses jogos permite que você alterne entre essas perspectivas enquanto joga, e em alguns desses jogos a jogabilidade é verdadeiramente alterada pela mudança de perspectiva.

Acredito que algo parecido com essa mudança de perspectiva está presente na cultura das drogas como “zoom out” ou “ver-se de fora”. A ideia é que, justamente, um dos efeitos de algumas drogas, especialmente psicodélicas, é que elas provocam um “zoom out”, e a sensação é exatamente a de ver-se a si próprio e ver a própria vida “de fora”, em terceira pessoa, a partir de uma exterioridade, às vezes de modo até “imparcial”, ou seja, numa posição a partir da qual é viável julgar as próprias ações como se fosse a de um outro.

Esse “deslocamento para cima” se associa ao que Isabela se referiu como *aceleração do pensamento*: a velocidade dos fluxos de seus pensamentos aumenta, e, conseqüentemente, as durações das permanências das ideias no foco da atenção diminuem; afinal, segundo suas percepções, a *aceleração* torna tudo mais dinâmico e efêmero. Assim temos que o *estado de elevação* é também um estado de *aceleração* dos fluxos dos pensamentos. Nesse movimento, o aliado a leva a alguma reflexão pertinente sobre seus “problemas familiares”, e sua “relação com o mundo e as coisas que poderiam melhorar” em si, principalmente. Também é comum que esse *estado de elevação* a faça cobrar muito de si mesma, a julgar-se, pondo o caráter de suas escolhas em cheque. Entretanto, entende esse lugar de cobrança e julgamento mais como uma oportunidade de reavaliação e crescimento, não de martírio – um lugar a partir do qual “é possível obter *autoconhecimento*”. Essa interação com o aliado a ajudou a entender melhor o que está acontecendo em sua vida, e principalmente a entender melhor suas questões pessoais. Ela acredita que tudo o que se faz perceber durante a *trip* – inclusive as *badtrips*, as coisas boas e ruins – são integrantes do processo de “elaborar melhor o que se pensa, entender os porquês do que se pensa”.

Mesmo após as viagens com o LSD, Isabela sente que ainda pode acessar esse *estado de elevação*, em plenas condições de aplicar e elaborar reflexões que lhe ocorreram – sob o regulamento lisérgico ou não – em seu cotidiano. Como discutimos na seção anterior, é a consolidação do *estado de elevação* enquanto aprendizado agregado ao seu *estoque de conhecimentos* que legitima e disponibiliza o acesso a esse “programa” em sua busca por autoconhecimento. Nesse sentido, a habilidade de transformar o autoconhecimento proveniente de sua experiência geral em crescimento é o cerne de seu aprendizado com o aliado. Contudo, o *estado de elevação* não escapa ao *padrão dual*, que então aparece na afirmação de que a lisergia pode

“suscitar coisas boas e ruins”. Por conseguinte, é necessário lidar com a dualidade da experiência, comum a todo regulamento lisérgico; e o estado de incerteza diante da natureza do que é suscitado nesse caso se manifesta na diferença do que é efeito do LSD e do que não é⁶⁷; o *padrão dual* testa a sua capacidade de discernimento no que tange aos limites do que é real e o que não. Isabela acredita que o que lhe conferiu essa capacidade de discernimento no *padrão dual* talvez tenham sido as *badtrips*, que intensificaram ainda mais o deslocamento lisérgico. Do mesmo modo que “cada doce que você toma te deixa mais alto”, quanto mais você usa mais você aprende a lidar com o regulamento do aliado. Chega-se num momento da carreira de usuário em que se aprende a identificar seus mecanismos e dizer para si: “eu já passei por isso, sei o que é”. Tendo aprendido a reconhecer o *padrão dual*, é possível então aprender a lidar com ele. Salvo se estiver enfrentando uma *badtrip*, Isabela tem condições de administrar essa dualidade. Conta que seus amigos reconhecem essa sua capacidade de manejo, e que costumam chamá-la de “sensata” quando toma um doce, pois têm dificuldade em dizer se ela de fato está *frita* ou não.

Sua desenvoltura no manejo da experiência provém do aprendizado que obteve com a prática. E o movimento de continuidade da prática se efetiva na carreira de usuário. À medida que avança na carreira, aprende e se familiariza com o *modus operandi*, de modo que ele não mais represente uma zona de indefinição; assim, o regulamento deixa de ser “algo surpreendente”. Não mais se surpreendendo com o que pode surgir, a usuária pode investir em navegar pelas possibilidades que o regulamento oferece para obter autoconhecimento. Entretanto, quando disse “salvo se estiver enfrentando uma *badtrip*”, é porque apesar de sua desenvoltura com a lisergia quando tudo “está sob controle”, essa desenvoltura pode ser facilmente abalada por fatores triviais, como um comentário mal compreendido, por exemplo, e afastar Isabela de uma posição de controle justamente por ser mais difícil lidar com uma *badtrip*.

Ela tem a habilidade de lidar muito bem com o regulamento lisérgico, desde que a intensidade do deslocamento não desestabilize sua capacidade de fazê-lo. No caso de uma eventual desestabilização em razão de uma *badtrip*, tudo o que Isabela aprendeu até então sobre como manejar a lisergia não lhe assegura o *know-how* necessário para o grau de deslocamento agora experimentado – e, diga-se passagem, um *know-how* possível de se obter. Assim, nos restam duas hipóteses: ou a desestabilização arrasta a lisergia novamente para uma zona de indefinição,

⁶⁷ Importante ressaltar, aqui, que Isabela não perde de vista que mesmo nesse cenário de indefinição tudo o que lhe aparece provém de si mesma; de modo que quando diz estar sob o “efeito do LSD” ela se refere a alguma distorção ou hipervalorização de uma situação ou acontecimento provocada pela experiência de uso da droga, e não de algo alheio que poderia não estar relacionado de qualquer modo com sua biografia e que de maneira misteriosa apareceria por ali.

desterritorializando-a; ou ela perturba, temporariamente, a capacidade dessa de fazer frente a uma intensificação com a qual, a princípio, teria condições de lidar.

Mas o que nos importa aqui é que Isabela evita ao máximo situações que possam desestabilizá-la. Recorrendo ao controle do *setting*, não se aventura numa *trip* solitária por já saber que não gosta de ficar sozinha com seus pensamentos, em seu “lugar de silêncio”, como chama, um lugar reconhecidamente instável. Sua estratégia é proveniente do aprendizado com a prática do uso; de outro modo não saberia que seu “lugar de silêncio” poderia ser uma fonte de instabilidade e potencial causadora de uma *badtrip*. Mesmo assim Isabela reconhece o potencial de aprendizado de uma *badtrip*, justamente porque ela sublinha os limites do *padrão dual*, e ressalta também os limites de sua disposição e capacidade de lidar com o tensionamento desses limites.

O que a diferencia da postura de outros usuários é um certo nível de preocupação quanto à *badtrip*. Todos atribuem um valor negativo ao experienciar da *badtrip*, mas alguns entendem como algo que pode e vai acontecer. Isabela e Miguel, por exemplo, entendem a *badtrip* mais como uma ultrapassagem dos próprios limites. A partir de seu relato podemos constatar que usuários mais experientes, ou “cabeçudos” tendem a se sentir mais dispostos a usar LSD numa variedade maior de ambientes, justamente por terem a disposição necessária para tanto. Isabela coloca a si mesma como exemplo de usuária “cabeçuda” apesar de evitar aquele “lugar de silêncio”, porque para ela ser “cabeçuda” é conhecer seus próprios limites e aprender respeitá-los na lisergia⁶⁸.

A sensação de segurança firma-se como fundamental para determinar as diferentes configurações de *setting* possíveis pensadas com base naquilo que se sabe poder conferir estabilidade ou instabilidade à experiência. Ela conta que quando estava namorando usava mais LSD do que quando estava solteira, e disse ter sido bem marcante esse padrão. Talvez se trate de um sinal de que os relacionamentos amorosos representam para ela uma situação de estabilidade que, como vimos, favorece uma experiência mais agradável com a droga. Ou seja, por ser a lisergia instável, relacionamentos favorecem a prática de uso por lhe conferirem estabilidade. Por isso não gosta de usar LSD em situações que possam se tornar instáveis, à exemplo: sozinha em casa, em lugares fechados ou “muito públicos”. Para deixar mais claro, devemos tomar locais “muito públicos” por verdadeiras aglomerações. Digo isso porque ela relata que praias e “festinhas” são lugares perfeitos. Apesar de serem ambos locais públicos, (1) eles contrastam com seu desconforto em usar sozinha em casa e em lugares fechados ou muito públicos, e (2) podem ser considerados *settings* relativamente estáveis⁶⁹.

⁶⁸ A *ultralisergia* nos dará uma perspectiva distinta quanto aos níveis de entrega ao regulamento do aliado, e assim teremos mais uma forma de abordar um usuário “cabeçudo”, isto é, aquele que não teme a *badtrip*, mas, pelo contrário, a deseja.

Em suma, vimos que a estrutura de sua experiência consiste num *estado de elevação de consciência* progressivo; ou seja, quanto mais se acessa esse estado, maior se torna seu domínio sobre ele e maior se torna a sua capacidade de agenciá-lo como ferramenta em sua busca por autoconhecimento. O aliado lhe ensinou a reconhecer seus limites, a saber até onde ela pode ir com a experiência. Ela julga ser muito importante chegar ao seu limite para justamente saber qual ele é, e assim se desenha uma linha limítrofe restritiva: “tô chegando num ponto que eu não posso mais usar”, o que a faz evitar a transposição desse limite, porque ultrapassando-o não há garantia quanto à capacidade de “aguentar” a intensidade amplificada da experiência. Esse processo é compreendido como um “amadurecimento” pessoal e da interação com o aliado. Nesse sentido, ao entender os caminhos de seu regulamento, entende também seus próprios caminhos, obtendo-se um nível de manejo mais elevado do regulamento e de sua própria vida. Seus estudos em psicologia também influenciam seu processo de reflexão e crescimento. De modo geral, entende tudo isso como uma autoanálise.

A incorporação do uso de LSD em sua vida tem três aspectos. O primeiro deles é o simples fato de gostar da experiência lisérgica, muito na direção do que Becker argumenta sobre a continuidade do uso de maconha em “*Outsiders*”:

Mais um passo é necessário para que o usuário que já aprendeu a ter um barato continue a usar maconha. Ele deve aprender a gostar dos efeitos que acaba de aprender a experimentar. As sensações produzidas pela maconha não são automáticas ou necessariamente agradáveis. [...] Para que continue a usar maconha, deve concluir que são. De outra maneira, ter um barato, ainda que seja uma experiência bastante real, será uma experiência desagradável que ele preferiria evitar. [...] o iniciante não dará continuidade ao uso, a menos que aprenda a redefinir as sensações como agradáveis [...] Em nenhum caso o uso continua sem uma redefinição dos efeitos como agradáveis⁷⁰.

Como vimos, Isabela aprendeu a gostar dos efeitos, da “onda boa”, do momento de divertimento, de ver como as coisas e a mente funcionam. Mas não apenas pelo prazer. Outro aspecto é justificado pelo estado de elevação da consciência, uma posição “transcendental, fora do corpo, da mente”, de onde se é possível “ver como a mente funciona, coisas que não são possíveis ver na realidade crua”. E por último, ela acredita que essas experiências com LSD a colocam mais próxima do público com qual pretende trabalhar: usuários do CAPS, dilatando sua experiência para um espaço de atuação profissional. Como o atendimento no CAPS é voltado para pessoas em

⁶⁹ O termo “festinha” geralmente é usado para designar as raves que acontecem na região. São eventos maiores do que uma rave “PVT” (“private party”, ou festa privada) – restritas a amigos e pessoas próximas – e menores do que um festival. O que nos interessa é que as “festinhas” são eventos planejados para receber pessoas que farão uso de psicoativos. Não só a escolha e a disposição do espaço da festa atendem a esse fim, como o público presente tende a ser usuário de alguma substância e sabem interagir sob estado de consciência alterado. Logo, sabe-se o que esperar das interações no evento. (Sobre esse cuidado ao lidar com outros usuários, ver capítulo 3).

⁷⁰ BECKER, Howard. *op. cit.* p. 61-63.

situação de abuso de substâncias psicoativas, ter usado LSD e conhecer o estado de consciência alterada podem ajudá-la a entender melhor e aprender a lidar mais devidamente com as experiências de abuso de outros usuários.

Para Isabela, é interessante pensar e ver que existem coisas para além do que se imagina e do que se experiencia; isso não quer dizer que se precise vivenciar tudo do mundo da vida, mas o pouco que o LSD permite explorar já é suficiente para atender essa sua demanda.

Conclusão

Ter escolhido um evento como a Quinta do Doce como objeto desta pesquisa, desde o início, suscitou uma empolgação diante de sua natureza. Por mais que esse formato de reunião para usar drogas seja corriqueiro, não creio que muitas outras ocorram com tamanho planejamento. Poder estudar tão de perto e em profundidade o que pensam alguns dos participantes é sem dúvida uma oportunidade interessante. Foi possível descrevê-lo de modo a capturar não apenas sua organização espacial, mas também imaginar sociologicamente o ambiente no qual ocorria, e, sobretudo, a proposta original do encontro pensada pelo anfitrião e as impressões daqueles que foram convidados. Nesse raciocínio, cobrimos desde a proposta original do evento até sua desvirtuação, e ainda assim, já tendo perdido de vista seu objetivo de promover um momento de aprimoramento espiritual, aprofundamento existencial e conexão, observamos que nossos interlocutores guardaram em memória a impressão de que o evento teria sido bem-sucedido em oferecer um espaço seguro, confortável e familiar onde a experimentação lisérgica poderia tomar lugar sem maiores intercorrências.

Creio que cabe ainda salientar que a percepção de que o *rendez-vous* e o LSD dividem o mérito pelo estabelecimento de vínculos de aceitação, amizade e cuidado mútuo é compartilhada pela maioria dos entrevistados. O que a Quinta do Doce proporcionou a essas pessoas só poderia ter ocorrido nos termos em que se deu. Apesar de nosso interesse com a descrição do evento consistir principalmente em contextualizar as experiências subjetivas que seriam analisadas no capítulo seguinte, vislumbrar os valores que congregaram os envolvidos nos ajuda a compreender melhor o tipo de experiência que o ácido lisérgico é capaz de proporcionar quando levamos em consideração a interação social sob estado alterado de consciência. Resta aqui a sugestão de que esse viés investigativo seja empreendido em novos estudos.

Feita uma sumarização do que foi apresentado sobre o *rendez-vous* psicodélico, cabe prosseguir com um balanço das ideias que desenharam a abordagem teórica empregada nesse trabalho. Vale ressaltar que nossa maior preocupação foi indicar de que modo as diferentes perspectivas dos autores poderiam confluir em um mesmo fluxo exploratório.

A problemática da pesquisa se inicia com o questionamento dos limites do trabalho de Howard S. Becker ao estudar o consumo de maconha por músicos de jazz nos Estados Unidos, sem deixar de reconhecer sua inestimável contribuição para o debate: a questão do aprendizado. O processo de aprendizado ao qual se submete o usuário é o ponto de partida para uma compreensão mais adequada do tema. Perpassando o correto emprego da técnica, a atenção se volta em aprender a perceber os efeitos e associá-los à ingestão da droga, até o momento de significação da experiência

como agradável ou desejável. Este é o caminho do qual não podemos desviar. Entretanto, vimos como sua abordagem limita-se ao momento de experimentação da droga, de modo que a subjetividade da estrutura da experiência permanece intocada.

Conseguimos transpor esse limite recorrendo à sociologia fenomenológica de Schutz, que nos proveu com a estrutura do mundo da vida e com o instrumental necessário para desvelar a experiência e fazê-la acessível à nossa averiguação por meio da análise dos atos de reflexão dos indivíduos sobre suas próprias experiências. Sendo o ato reflexivo responsável por tornar uma experiência significativa, nos debruçamos, a partir das entrevistas, sobre as percepções de nossos interlocutores no que dizia respeito às suas experiências com LSD. Desse modo, buscamos identificar os conceitos que orientam suas condutas e organizam seus propósitos e sua participação na estruturação da experiência lisérgica, sempre de modo biograficamente localizado. Ainda assim, faltava-nos um modo de estruturar o *modus operandi* do LSD e as formas como se relaciona com os usuários.

A ordem operacional desenvolvida por Carlos Castañeda nos foi muito proveitosa por dispor de mecanismos sofisticados para entender o consenso especial firmado entre o LSD e o usuário. Visualizar o aliado enquanto dotado de uma personalidade e caráter facilitou a análise da relação íntima que se estabelecia entre ambos, e conseqüentemente a relevância que poderia ganhar nessa relação. Fica claro em nossa análise o uso dado a esses conceitos. Vale dizer que, se contávamos com uma teoria para pensar o aprendizado e a experiência, o esquema estrutural de Castañeda permitiu-nos enxergar que o LSD não é capaz de criar nenhuma realidade alheia à biografia do usuário. Assim, conectamos as realidades ordinária e lisérgica como uma unidade mutuamente corroborada por ambos os estados de consciência.

Para demonstrar a unidade dos estados de consciência, o estudo de Lapoujade sobre os conceitos de Souriau desempenhou o papel de evidenciar de que modo os dados provenientes da experiência lisérgica se tornariam legítimos na vida do usuário. Para isso, exploramos os conceitos de anáfora e instauração para indicar o ganho em intensidade de um modo de existência e a fixação de sua estrutura na experiência geral do usuário de LSD. Afinal, no que diz respeito à experiência, tudo se resumiria a tornar-se real, legítimo e ser corroborado em seus termos.

Em nosso terceiro capítulo, vimos como cada relação bilateral entre aliado e aprendiz determina os termos com base nos quais seu regulamento será instaurado na experiência dos usuários.

Nossa primeira análise se debruça sobre a experiência de Luana, onde se institui uma percepção expandida de si mesma por intermédio de um processo de abertura de campo perceptivo

que promove uma abertura para si e para o mundo, expressa como uma sensação corpórea de integração e indiferenciação que expande seu ser para além de seus próprio limites.

A partir dos relatos de Miguel, vimos que o regulamento lisérgico toma a forma de um processo de desconexão com o estado de consciência ordinário e com os objetos da realidade cotidiana que força uma reparametrização de sua experiência de vida, fazendo-o ressignificar suas ideias e percepções sobre questões pessoais que precisam ser enfrentadas e que vinham sendo negligenciadas.

Com Cecília, temos um regulamento que se instaura por meio da imersão de seu inconsciente, um processo sinestésico de amplificação perceptual e interconexão entre sentimentos e memórias. A imersão do inconsciente tece um emaranhado de cores, intensidades e imagens à memória corporal e às sensações por ela retidas, trazendo à tona a totalidade do seu ser, de suas vivências.

Por fim, observamos que Isabela é deslocada para um regime de experiência que se instaura como um estado de elevação progressivo de sua consciência, através do qual o aliado é capaz de elevá-la a uma posição de onde pode enxergar sua vida com maior clareza e discernimento. Esse estado elevado consiste também em um lugar de cobrança e julgamento de si mesma, mais como uma oportunidade de reavaliação e crescimento do que de martírio. O estado de elevação lhe aparece como uma ferramenta para a busca de autoconhecimento.

Com base nas análises realizadas, pudemos construir uma estrutura geral preliminar do regulamento lisérgico que pode ser considerada como depositária dos termos fundamentais por meio dos quais o *modus operandi* do ácido lisérgico instaura um regime de experiência específico. Contudo, toda generalização dessa estrutura deve ser feita com atenção aos seus limites, visto que foi construída a partir de um estudo de caso muito limitado.

Todo estudo onde seja cabível sua aplicação como tentativa de verificação é bem-vindo e nos levará sempre em direção àquela que poderá ser a melhor forma de abordar as estruturas subjetivas das experiências com substâncias psicoativas no campo das Ciências Sociais e de todas as áreas interessadas em aprofundar o conhecimento disponível sobre o tema. Nesse sentido, mais análises precisam ser realizadas para consolidar a aplicabilidade desse desenvolvimento do trabalho praticamente abandonado de Carlos Castañeda.

Em suma, podemos afirmar que o LSD provoca, invariavelmente, um deslocamento capaz de modificar os modos de estar no mundo dos usuários que se manifesta pela expansão de sua capacidade associativa em um ecossistema lisérgico marcado por instabilidade, introspecção e vulnerabilidade. Adentrar nesse novo regime de experiência exige o desenvolvimento de uma capacidade de manejo que apenas se faz possível pelo aprendizado e pela exploração de suas

possibilidades e limites. Iniciado o processo de aprendizado, o ácido pode então ser agenciado como uma ferramenta auxiliar na busca pelos propósitos definidos pelo usuário. À essa altura, uma prática de uso de drogas se incorpora ao repertório biográfico de um indivíduo, trazendo para o plano mais geral da vida desse usuário novas possibilidades a serem exploradas.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CASTAÑEDA, Carlos. *A Erva do Diabo*. Rio de Janeiro: Record. 1968. p. 187-188.
- HUXLEY, Aldous. *As portas da percepção; Céu e inferno*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015, p. 36.
- JAMES, William. *Princípios de psicologia* In: *Pragmatismo e outros textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 130.
- LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. São Paulo: N-1 Edições, 2017.
- LEITE, Marcelo. *Psiconautas: viagens com a ciência psicodélica brasileira*. São Paulo: Fósforo, 2021.
- SCHUTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 84.
- TURGUÊNIEV, Ivan. *Diário de um homem supérfluo*. São Paulo: Editora 34, 2019.
- VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- WATTS, Alan. *The joyous cosmology: adventures in the chemistry of consciousness*. Pantheon Books. 1962.